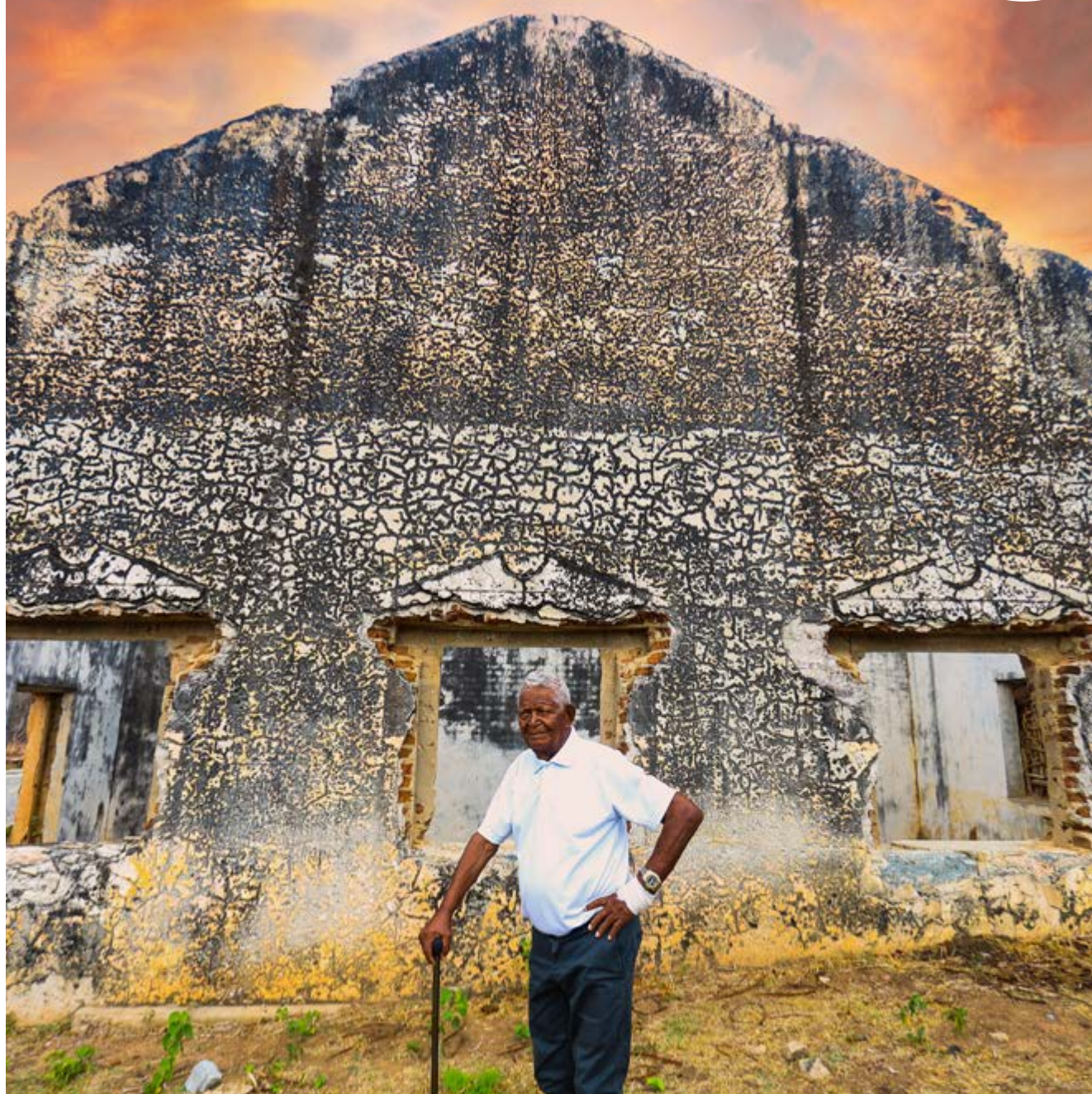


Órgão Oficial da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará
ANO XIII | Dez 2021 | Jan/Fev 2022 | 62ª edição

VERSÃO
DIGITAL
MOBILE
DESKTOP



PLENÁRIO



O SOBREVIVENTE

JOAQUIM BARBOSA RESISTIU AOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO DO CEARÁ

Spotify da Rádio FM Assembleia.



Mais um canal para informar
e aproximar o cidadão.



-  al.ce.gov.br
-  [/assembleiace](https://www.facebook.com/assembleiace)
-  [@assembleiace](https://www.instagram.com/assembleiace)
-  [@assembleia_ce](https://twitter.com/assembleia_ce)
-  [tvassembleiaceara](https://www.youtube.com/tvassembleiaceara)

República



RÁDIO FM ASSEMBLEIA 96,7

Conexão Assembleia, Terceiro Expediente, Projetos do Povo, Programa Narcélio Limaverde: agora você pode acompanhar estes e outros conteúdos da Rádio FM Assembleia pelo Spotify. É mais um canal para você ouvir entrevistas com deputados e convidados e ficar por dentro das notícias, fatos e ações do Legislativo Estadual que interessam ao seu dia a dia. Siga o Spotify da Rádio FM Assembleia, ele é feito para você.



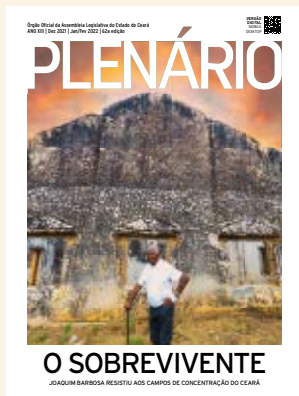
**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**



Casa da pólvora

Sumário

EDITORIAL	7
CAPA SENADOR POMPEU	8
RESGATE HISTÓRICO O DIA DOS MIL MORTOS	20
SESSÕES ITINERANTES 2021	26
MOBILIDADE CADEIRAS DE RODAS PARA PETS	32
INESP PUBLICAÇÕES ON-LINE	36
MELIPONICULTURA CRIAÇÃO DE ABELHAS NATIVAS	40
CIDADANIA PRAÇA VIVA	48
PERSONALIDADE CEARENSE SÉRVULO ESMERALDO	54
SOCIEDADE MOVIMENTO POLÍTICO	60
OPINIÃO PARLAMENTAR ARTIGO	66
SAÚDE POBREZA MENSTRUAL	68
RESPONSABILIDADE SOCIAL AQUASIS	74
SOCIAL MODA	80
A NOSSA HISTÓRIA PASSA POR AQUI PADARIA ESPIRITUAL	86
O MÊS NA HISTÓRIA JANEIRO	92
TV NOVO PROGRAMA	94



EXPEDIENTE

REVISTA PLENÁRIO

Órgão Oficial da Assembleia Legislativa
do Ceará, 62ª edição,
Dez 2020 | Jan/Fev 2022

MESA DIRETORA

PRESIDENTE

Evandro Leitão (PDT)

1º VICE-PRESIDENTE

Fernando Santana (PT)

2º VICE-PRESIDENTE

Daniel Oliveira (MDB)

1º SECRETÁRIO

Antônio Granja (PDT)

2º SECRETÁRIO

Audic Mota (PSB)

3 SECRETÁRIA

Érika Amorim (PSD)

4º SECRETÁRIO

Apóstolo Luiz Henrique (Progressistas)

COORDENADOR DE

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Daniel Sampaio

EDITORIA GERAL

Abílio Gurgel

EDITORIA REVISTA

Adriana Thomasi

REPORTAGEM

Adriana Thomasi, Abílio Gurgel, Ana Lúcia

Machado, Didio Lopes, Fátima Abreu,

Jackelyne Sampaio

Lúcia Stedile, Marina Ratis, Narla Lopes e

Rita Freire

REVISÃO

Carmem Ciene

EDITORES DE ARTE

Alessandro Muratore e Alice Penaforte

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO, TRATAMENTO E EDIÇÃO DE IMAGENS

Alessandro Muratore e Alice Penaforte

FOTOGRAFIA

Celso Oliveira, Dário Gabriel, José Leomar,

Júnior Pio, Marcos Moura, Máximo Moura,

Paulo Rocha, Bia Medeiros e Freepick.com

MÍDIAS DIGITAIS (QR CODE)

Imagens e Edição: Odério Dias

COMO FALAR COM A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ

Av. Desembargador Moreira, 2807

Bairro: Dionísio Torres

CEP: 60170.900 - Fortaleza - Ceará

TELEFONE

(85) 3277 2921

(85) 3277.2727

EMAIL

revistaplenario@al.ce.gov.br

SITE

www.al.ce.gov.br

 [@AssembleiaCE](https://www.facebook.com/AssembleiaCE)

 [@assembleiace](https://www.instagram.com/assembleiace)

 [@Assembleia_CE](https://twitter.com/Assembleia_CE)

 [tvAssembleiaCe](https://www.youtube.com/tvAssembleiaCe)

 [radioFMassembleia](https://www.radioFMassembleia)

BEM-VINDO 2022

A Plenário se despede de 2021 e saúda 2022 voltando no tempo para resgatar um momento esquecido da nossa história: os campos de concentração erguidos durante a grande estiagem que assolou o Estado nos anos 30 do século passado. Esses locais foram instalados em vários municípios para tentar barrar a migração de retirantes que, buscando fugir da seca, tentavam chegar à capital. Dentro desse "túnel do tempo" retornamos também a janeiro de 1994, quando mais de mil esqueletos foram encontrados em Fortaleza, resquícios de uma epidemia de varíola que devastou a cidade em 1881. Mas, o passado não traz apenas recordações dolorosas, ele também é motivo de comemoração. Em 2022 celebramos os 130 anos da Padaria Espiritual, um movimento cultural que destacava o nacionalismo, a irreverência e a criatividade do povo cearense - isso 30 anos antes da badalada Semana de Arte Moderna de São Paulo.

Deixando o passado para trás, olhamos para o futuro e como a nossa existência precisa andar de mãos dadas com a natureza. Um bom exemplo é a meliponicultura, a criação racional de pequenos insetos ou abelhas sem ferrão, mais dóceis e de fácil manejo. Elas produzem um mel diferenciado e tornam mais eficiente a polinização da flora nativa e dos pomares. Através do trabalho delas há garantia e produção de alimentos. No Ceará, existem 49 espécies de abelhas sem ferrão, e a atividade está presente em 70 municípios. Dos ares para

o mar, nossa equipe acompanhou o trabalho da ONG Aquasis, entidade que atua na preservação populacional de espécies marinhas ameaçadas de extinção e na conservação da biodiversidade do Estado.

As mulheres ganharam um espaço especial nesta edição. O absorvente íntimo, usado durante a menstruação, é um item importante para a saúde íntima das mulheres. Porém ainda há milhares de brasileiras que, por razões financeiras, ainda não têm acesso ao produto. A boa notícia é que no Ceará 115 mil alunas da rede pública estadual passarão a receber gratuitamente, na própria escola, o equivalente a dois pacotes, com oito unidades cada, por mês. A lei foi sancionada no fim de julho pelo governador Camilo Santana.

Para terminar esta edição, nada melhor que compartilhar boas notícias. Que tal ganhar novos espaços de lazer? Essa é a ideia da Prefeitura de Fortaleza com o projeto Praça Viva, que revitaliza espaços atualmente ociosos da malha viária na capital. E quem também deve curtir esses novos espaços são os pets com deficiências motoras agraciados pelo projeto Rodapet, que oferece cadeiras especiais que devolvem a mobilidade a esses animais. O retorno é a gratidão estampada em cada olhar desses seres maravilhosos.

Boa leitura e um bom 2022.

Daniel Sampaio

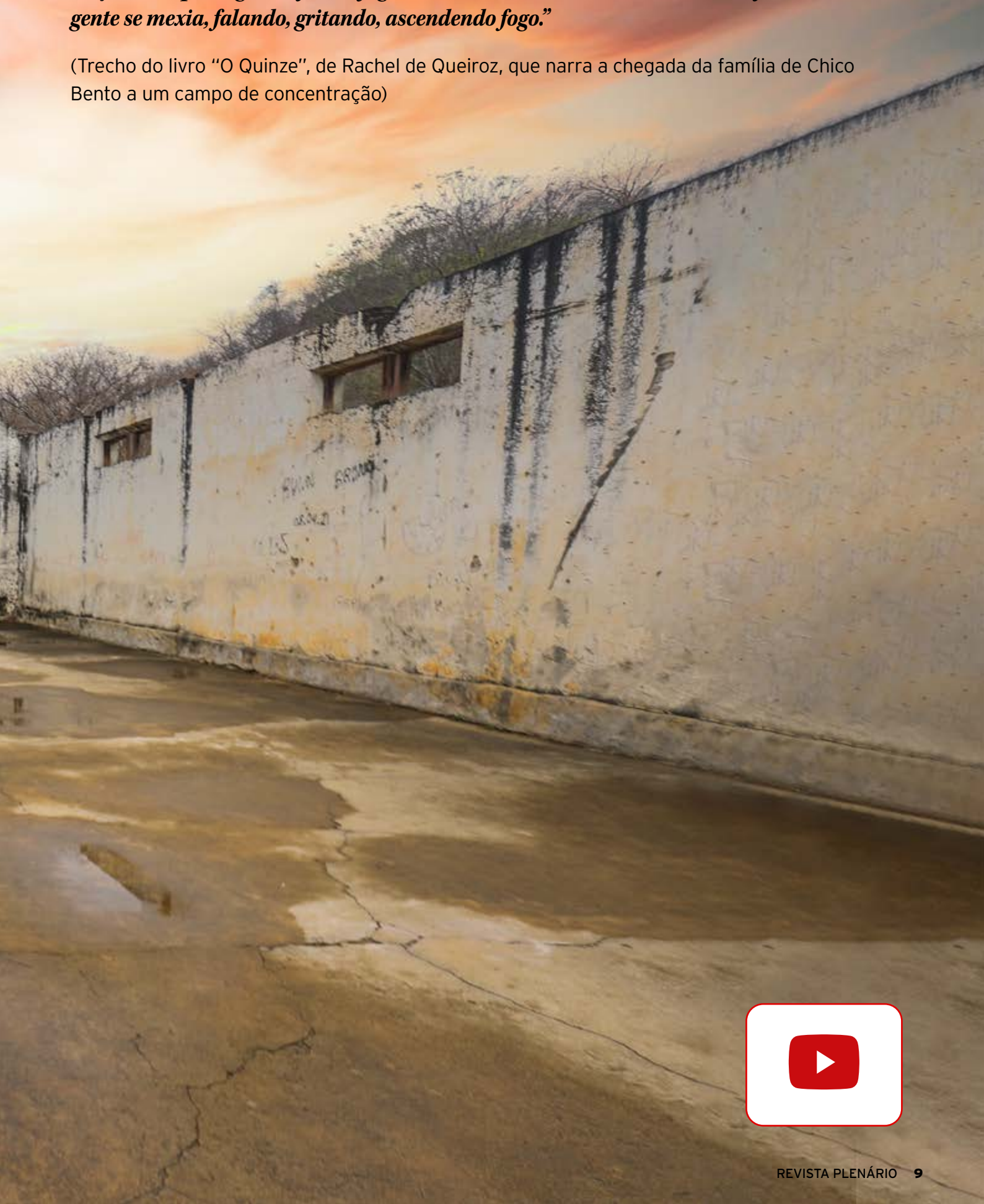
Coordenador de Comunicação Social da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

EXILADOS DA SECA



“.. chegaram à Estação do Matadouro. E, sem saber como, acharam-se empolgados pela onda que descia, e se viram levados através da praça de areia, e andaram por um calçamento pedregoso, e foram jogados a um curral de arame onde uma infinidade de gente se mexia, falando, gritando, ascendendo fogo.”

(Trecho do livro “O Quinze”, de Rachel de Queiroz, que narra a chegada da família de Chico Bento a um campo de concentração)



Texto: Didio Lopes | didio.lopes@al.ce.gov.br **Fotos:** Dário Gabriel

Ao retornar ao local onde ficou exilado quando criança, Joaquim Alves Barbosa, que hoje tem 101 anos e é o único sobrevivente do Campo de Concentração de Patu, em Senador Pompeu, a 270 km de Fortaleza, relembra um passado difícil de esquecer. “Aqui o sofrimento foi grande. A maior lembrança que tenho da minha vida é da seca de 32. Não tinha brincadeira, brinquedo para criança. Não tinha nada. Só um alimento que a gente tinha sorte para escapar e pronto.”

O ano era 1932, quando uma forte estiagem acometeu o Nordeste, e os retirantes que tentavam fugir da seca acabaram isolados sob a alegação do governo de que receberiam trabalho, comida e assistência médica. “A comida era uma ração de farinha que tinha uma cor azulada, café, rapadura e víscera de boi. Era muito triste. Tinha gente que comia aquilo, adoecia e de manhã já amanhecia morto. Daí tinha que enterrar logo”, descreve o sobrevivente.

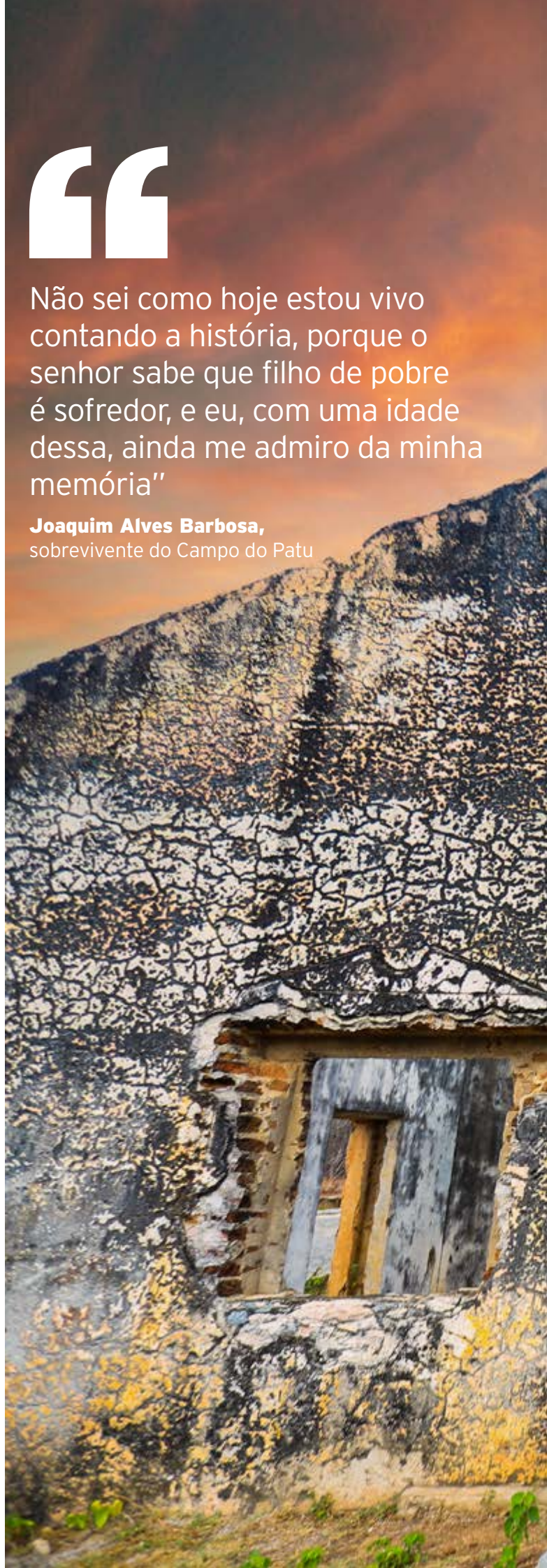
Durante a seca daquele ano, além do confinamento em Patu, outros seis campos de concentração foram instalados no Ceará: dois em Fortaleza (do Alagadiço e do Urubu) e outros nos municípios de Ipu, Quixeramobim, Crato e Cariús. Fora o isolamento em Senador Pompeu, Joaquim Alves também ficou recluso no Campo de Concentração do Urubu, quando chegou à capital com a sua família.

Ele conta que no Patu morreram dois dos quatro irmãos e, após a morte deles, foi com seu pai, mãe e os irmãos que sobre-

“

Não sei como hoje estou vivo contando a história, porque o senhor sabe que filho de pobre é sofredor, e eu, com uma idade dessa, ainda me admiro da minha memória”

Joaquim Alves Barbosa,
sobrevivente do Campo do Patu





viveram para Fortaleza, em busca de uma “salvação”, mas, ao chegar à cidade, encontraram a mesma dor e sofrimento. “A diferença entre os campos é que em Fortaleza a alimentação era um pouquinho melhor. Tinha farinha, feijão, arroz, açúcar, rapadura e macarrão. O povo pegava e cozinhava em casa. Já em Senador Pompeu, a gente comia a ração lá mesmo”, conta.

Apesar da idade, Joaquim é memória viva e a lembrança de um período triste que não pode cair no esquecimento. “Não sei como hoje estou vivo contando a história, porque o senhor sabe que filho de pobre é sofredor, e eu, com uma idade dessa, ainda me admiro da minha memória”, diz.

COM A PALAVRA



“É necessário que possamos conhecer nossa história e nossas raízes para compreender o que aconteceu e preservar a memória daqueles que, buscando sua sobrevivência, pereceram em terríveis campos de concentração. Ao reconhecer a relevância histórica e cultural do Campo de Patu, nos deparamos diretamente com a problemática da seca no Ceará. Precisamos entender que, em nosso Estado, a seca é uma realidade, por isso é necessário que possamos viabilizar e apoiar projetos e políticas públicas para que tenhamos uma convivência harmônica com a seca em seus momentos mais duros.”

Deputado **Marcos Sobreira** (PDT)



“

Meu pai dizia que ali era uma prisão e um verdadeiro matadouro de gente”

Alzira Lucinda Moraes de Lima,
filha de morador do Campo do Patu



LEMBRANÇAS

A primeira vez que a agricultora aposentada Alzira Lucinda Moraes de Lima, 70 anos, conheceu o Campo de Concentração de Patu foi quando o pai dela, Mário Antônio de Moraes, levou-a até o local, para contar os relatos de sobrevivência da seca de 1932. “Meu pai dizia que ali era uma prisão e um verdadeiro matadouro de gente”, relembra.

Alzira não viveu no local, mas, ao voltar ao casarão dos inspetores, como é conhecido o prédio que vigiava os “retirantes da seca”, pôde imaginar a dor que seu pai enfrentou. “Sem saber, era meu pai quem abria as covas para enterrar o pessoal. Até que um dia ele disse que não iria mais cavar os ‘buracos’ para enterrar gen-

te e fugiu. Os inspetores mandaram meu avô trazer ele de volta. E, quando voltou, disse que não faria mais aquele trabalho, então colocaram ele para carregar tijolos”, recorda a aposentada.

O Campo de Concentração do Patu foi extinto no ano seguinte, em 1933, quando voltou a chover na região. Dos sete lugares de isolamento no Estado, apenas o de Senador Pompeu está preservado. Além do casarão dos inspetores, há outras edificações que foram usadas para dar apoio aos confinados. São eles: duas casas de pólvora, um armazém, um hospital, uma usina, um cemitério, quatro casas de apoio e uma estação de trem, além do cemitério.

NOS TRILHOS

Erguidos no Ceará, os campos de concentração eram espaços de aprisionamento espalhados estrategicamente próximo às rotas de trem, pois os retirantes tentavam chegar a Fortaleza pela linha férrea e, com isso, eram confinados antes do destino final.

Em Senador Pompeu, a estrutura do campo de concentração foi erguida pela companhia inglesa Norton Griffiths & Company, encarregada na época da construção do açude do Patu. Com as obras interrompidas, em 1920, os prédios inativos foram transformados em local de isolamento social para os emigrantes.

O escritor e professor de Geografia, nascido em Senador Pompeu, Adriano Bezerra conta que esses locais atraíam as pessoas principalmente com a promessa de trabalho. “Prometiam trabalho, mas acabavam isolando as pessoas. No interior, esses campos serviam para evitar que os ‘flagelados da seca’ chegassem até a capital. Já em Fortaleza, a ideia era recolher esse povo sofrido e separá-lo da elite fortalezense, para que as ‘doenças da seca’ não atingissem a população”, pontua.

O advogado e ativista no reconhecimento histórico de Patu Valdecy Alves, que também nasceu em Senador Pompeu, observa que é importante conhecer esse momento trágico, porém de grande importância não só para os cearenses, mas para todos os brasileiros.

COM A PALAVRA



“Há uma luta já conquistada pela Prefeitura de Senador Pompeu para o tombamento municipal dos casarões do Sítio do Patu. E eu dei seguimento, junto com a Secretaria de Cultura do Estado, para que a gente faça dois movimentos: o tombamento estadual e a transformação da Caminhada da Seca em Patrimônio Imaterial do Estado. Afinal a romaria já que faz parte do Calendário Turístico, Cultural e Religioso do Ceará. Em 2022, nós vamos completar 90 anos de experiência do Campo de Concentração de Senador Pompeu e 40 anos da Caminhada da Seca. É preciso tornar viva a lembrança desses episódios, para que eles não se repitam futuramente.”

Deputado **Acrísio Sena** (PT)

“O Campo do Patu traz consigo a memória dos outros campos (Urubu e Alagadiço – criados antes, em Fortaleza, na seca de 1915) e revela a história das secas do Ceará. Os campos permitem compreender a dor e sofrimento dos retirantes desse País, reconhecendo sua relevância histórica, para não cometer os erros do passado ou cair no esquecimento. É crucial que a memória não seja extinta”, acrescenta.



Estação Ferroviária de Senador Pompeu



Hospital



“

O primeiro passo já foi dado, o tombamento municipal. Mas o que fazer após o tombamento? É preciso pensar numa política pública de acompanhamento. O Estado precisa dar um apoio e criar um plano de ação. Enquanto o patrimônio é tombado, o tempo não para. Temos uma memória em ruína e que não podemos perder tempo”

Francisco Fábio Matias dos Santos, morador de Senador Pompeu.

Casa dos Generais





CAMINHADA PELAS ALMAS

Há 39 anos, quando o dia começa a clarear e o sol surge no horizonte, no segundo domingo de novembro, os moradores se concentram em frente à igreja matriz de Nossa Senhora das Dores, no Centro de Senador Pompeu, para caminhar em direção ao cemitério ao lado do açude Patu. A romaria em devoção às Santas Almas da Barragem do Patu é um percurso de 6 km feito sob cânticos e orações, em que os devotos relembram os milhares de flagelados que sucumbiram à seca de 1932.

Criada em 1982, por iniciativa do padre Albino Donatti, então pároco do local, a Caminhada da Seca foi incluída, em 2021, através do projeto do deputado Acrísio Sena (PT), no Calendário Turístico, Cultural e Religioso do Ceará. Porém, por conta da pandemia, a romaria, que reúne milhares de fiéis, não foi organizada pela igreja católica

em 2021, concentrando apenas alguns moradores e pagadores de promessas no local.

Entre eles está o casal João Ferreira Neto, 74 anos, e Maria Aparecida, 58 anos. “Há três anos, o João não pôde estar aqui, por conta de um tratamento contra câncer que estava fazendo em São Paulo. Mas todos os anos eu estive aqui. Este ano vim pagar uma promessa de ter sobrevivido ao coronavírus. Me agarrei com as Santas Almas e prometi que viria rezando um terço todo o caminho para agradecer a vida”, diz a aposentada.

Ao final da caminhada, é realizada uma missa campal em frente ao cemitério da barragem. No local, também podemos encontrar sacos de pão e garrafas de água, levados pelos moradores e pagadores de promessas em alusão à fome e à sede que os flagelados passaram.

Cemitério da Barragem



ALEMANHA X CEARÁ

Embora a história de confinamento se assemelhe à crueldade imposta nos campos nazistas da Alemanha, a vida dos retirantes da seca se diferencia dos campos alemães, pois aqui não houve guerra nem extermínio.

Segundo o antropólogo e coordenador de Cultura e Memória da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará (Secult), Emmanuel Bastos, “todo campo de concentração, seja o alemão ou o nordesti-

no, tem um devaneio político de controle da ordem e do Estado sobre um ser humano inferior.”

Ao comparar, o antropólogo diz que, “nos campos de concentração, a primeira condição imposta é o roubo da dignidade. As pessoas não são tratadas como seres humanos. Tanto na experiência europeia quanto na cearense, havia a imposição do poder sobre as ‘raças’ de lá e aos ‘retirantes’ daqui.”

SAIBA+

Com aproximadamente 2 km de comprimento e 1,5 km de largura, o Campo do Patu - composto por 12 casarões, a Vila Operária e as três casas de pólvora - é o único preservado das histórias das secas no Brasil e, mesmo em ruínas, já foi tombado pelo município de Senador Pompeu. Agora está em processo de tombamento pelo Estado. Há também um processo de transformação da Caminhada das Almas, também conhecida como Caminhada da Seca, em Patrimônio Imaterial do Estado.

COM A PALAVRA



“O reconhecimento, assim como a preservação da estrutura do sítio, reafirma a existência dos campos de concentração de retirantes no Ceará durante o período da grande seca de 1932. A ausência de resquícios físicos na capital cearense tende a relegar ao esquecimento esse difícil capítulo da nossa história, em que se calcula que morreram cerca de 12.000 pessoas, mais da metade dos concentrados. É muito importante avaliar o impacto que esse período histórico teve para olharmos a realidade ao nosso redor. A ideia de afastar os retirantes dos centros urbanos teve como consequência a aglomeração nas periferias da cidade, formando e expandindo o número de favelas na capital.”

Deputado **Queiroz Filho** (PDT)

NÚMEROS

7

campos de concentração da seca no Estado (um nos municípios de Senador Pompeu, Crato, Quixeramobim, Cariús e Ipu e dois em Fortaleza)

16.221

foi o número de concentrados apenas no Campo do Patu, em Senador Pompeu.

PARA NÃO ESQUECER

Um episódio que poucos conhecem, mas que marcou a história da capital, foi a descoberta de mais de mil corpos enterrados por conta da epidemia da varíola no bairro Jacarecanga

Texto: Ana Lúcia Machado | ana.araujo@al.ce.gov.br

Fotos: Celso Oliveira

Quando, naquele 12 de janeiro de 1994, os tratores a serviço do programa Sanear (Serviço de Saneamento de Fortaleza) começaram a escavar um terreno na rua Adriano Martins, no bairro Jacarecanga, os trabalhadores tiveram uma surpresa. Em vez de areia, pedras e vegetação rasteira que esperavam ver, assistiram, incrédulos, emergir do solo várias ossadas humanas. Pior. Quanto mais escavavam, mais esqueletos apareciam. E surgiam com tanta facilidade que parecia terem sido enterrados em vala comum.

Ninguém imaginava que, naquele momento, estavam vindo à luz indícios concretos da página mais fúnebre da história de Fortaleza: as mortes da epidemia de varíola ocorridas 116 anos antes, convenientemente esquecidas e



Historiadora Letícia

quase nunca mencionadas, debatidas ou lembradas pela cidade. O “achado”, claro, virou manchete dos jornais da época, e a matéria e fotos foram publicadas na edição do dia 13 de janeiro. Com todo esse quadro exposto, as especulações foram enormes – como revela a reportagem de Érico Firmino publicada pelo jornal o Povo sob o título “Seca e Morte - O dia dos mil mortos” e que resgatou o episódio.

Os questionamentos duraram até que a versão oficial pôs fim ao enigma. Pesquisa da história da cidade revelou o sombrio ano de 1878 e a tragédia provocada pela epidemia de varíola. Conclusão: o lugar escavado em Jacarecanga era, na verdade, uma espécie de “cemitério improvisado” para onde iam os mortos da “peste” - jeito rápido encontrado para dar conta das centenas de cadáveres diários produzidos pela epidemia.



“

Acredito que não seja uma parte esquecida da história. Estava apenas adormecida. O farmacêutico Rodolfo Theóphilo não permitiu que a varíola fosse esquecida totalmente, isso é notório em seu ativismo científico e literário”.

Letícia Lustosa Martins, mestre em História e Cultura pela Universidade Estadual do Ceará (Uece)

EPIDEMIA DE VARÍOLA

A historiadora Letícia Lustosa Martins, mestre em História e Cultura pela Universidade Estadual do Ceará (Uece), desenvolveu, durante sua vida acadêmica, pesquisas relacionadas à epidemia de varíola entre 1877 e 1881 no Ceará. Segundo ela, o surto possui uma vasta documentação que permite a reconstrução desse episódio ímpar na história cearense.

“A busca acadêmica pelo tema tem fomentado muitas pesquisas recentes, não apenas no Ceará, mas em outras localidades do País”, assinala Letícia. E continua: “Acredito que não seja uma parte esquecida da história. Estava apenas adormecida. O farmacêutico Rodolfo Théóphilo não permitiu que a varíola fosse esquecida totalmente, isso é notório em seu ativismo científico e literário”. O que, segundo ela, pode ter acontecido há algumas décadas foi que os olhares acadêmicos se voltavam para outras pesquisas que se aproximavam mais dos contextos vivenciados, principalmente no mundo do trabalho.



Letícia Lustosa faz um comparativo diante do cenário mundial pandêmico de Covid-19. Ela acredita que houve um despertar por compreender momentos semelhantes, vividos pela humanidade, relacionados à saúde pública. “No caso específico do Ceará, os olhares se projetaram para a varíola. A visibilidade maior sobre a epidemia variólica permite novas releituras documentais, gera conexões entre os discursos abordados no passado e no presente, fossem estes dos populares, autoridades políticas, médicos sanitários, estudiosos e principalmente pela imprensa, trazendo à tona algo que estava adormecido sobre nossa história”, acrescenta.

A historiadora explica que despertou interesse pelo tema a partir de um fato pessoal. Vasculhando sua história familiar, descobriu que seu avô materno havia contraído a doença em 1936, na época com 11 anos de idade. O relato, feito em 2004 pelo próprio avô, permitiu que Letícia tivesse outro olhar sobre o objeto de estudo. Motivada por esse

fato e por uma palestra do professor universitário doutor Carlos Jacinto Barbosa (Uece), deu início às pesquisas acadêmicas.

COM A PALAVRA



“A varíola é transmitida por um vírus descoberto há mais de 10 mil anos e que atingiu vários povos. De tão grave, foi a primeira a ter uma vacina desenvolvida para ela. Mas fica um alerta: embora considerada erradicada, ninguém está livre de que ela reapareça, porque o vírus não morre. Continua entre nós. O mesmo vai acontecer com a Covid-19. Temos todos que ficar atentos e nos precaver com a vacinação para evitar novos surtos e uma possível nova pandemia”.

Deputado **Lucílio Girão** (Progressistas)

HERÓI NA EPIDEMIA

Escritor, poeta, documentarista, contista, articulista, farmacêutico e, às vezes, clínico, Rodolfo Marcos Theófilo foi a figura local de destaque na luta contra a varíola. Baiano de nascimento, foram grandes os esforços feitos por ele para tentar conter a peste em território cearense.

Em seu livro “A Fome”, descreveu como era a vivência naquela época. “Alguns dias depois da invasão da epidemia, cada alojamento de retirantes era um lazareto de variolosos! ... Muitos enfermos tinham por teto a sombra das árvores desfolhadas e aí mesmo, aos raios do sol, ao relento, da noite, deitados no chão, morriam à míngua e isolados”. Prossegue explicando como acontecia a retirada dos contaminados. “Saíam de manhã e só à noite conseguiram chegar aos novos abarracamentos. O dia inteiro debaixo de sol escaldante, no estrupício de

tal travessia. Muitos não suportaram a dor e chegaram mortos ao destino.”

Além do socorro aos atingidos, Rodolfo Teófilo desenvolveu uma vacina que se mostrou eficaz na imunização contra o vírus. Num esforço pessoal, comprava animais para o processo de produção da vacina e fazia viagens a cavalo, pela periferia de Fortaleza, convencendo populares a se vacinarem.

Fundador da Liga Cearense contra a Varíola, distribuiu suas vacinas também pelo interior do Estado. Muito combatido por suas ações, principalmente pela imprensa, nunca recebeu apoio. Só muito depois do fim da epidemia, em 1907, sua vacina recebeu a aprovação do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), então denominado Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos, no Rio de Janeiro.



VARÍOLA X COVID

As ruas vazias, o medo do contágio, comércio fechado, oposição à vacina e o crescimento de crendices e notícias falsas sobre a doença. A pandemia de Covid-19 replicou, mundo afora e com larga margem, o que aconteceu na epidemia de varíola localmente. Na pandemia do coronavírus, registrada, oficialmente, a partir de março de 2020, mais de 613 mil mortos.

Na epidemia de varíola, a província do Ceará assistiu à redução drástica da população, que era de cerca de 900 mil, em 1876, e caiu para 750 mil em 1881, de acordo com o médico e historiador Barão de Studart, no livro “Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará”. Já o historiador Raimundo Girão estimou que o impacto fez com que o Ceará perdesse um terço da população, por morte ou fuga. Em 1878, segundo ele, 54.875 pessoas deixaram o Ceará.

SAIBA + EPIDEMIAS

A seca e a varíola atingiram Fortaleza novamente em 1888 e 1900, mas nem de longe com a mesma intensidade e dramaticidade. Além da varíola, a capital cearense foi acometida por outras epidemias, nas últimas décadas:

POLIOMIELITE

De 1960 a 1980, uma vacinação maciça e sistemática eliminou a doença. O último caso de que se tem registro aconteceu em Crateús, no dia 23 de maio de 1988.

MALÁRIA

1930 - Atingiu o Vale do Jaguaribe, interior cearense.

CÓLERA

1994 - O surto se disseminou em seis estados nordestinos, incluindo o Ceará. No total, foram 51,3 mil pessoas atingidas. O Estado foi o mais afetado, com 49,2 mil pessoas contaminadas. Só em Fortaleza foram 10 mil casos registrados.

ESTREITANDO LAÇOS COM A POPULAÇÃO



Assembleia Itinerante - Atividades no município de São Benedito

Pelo menos duas vezes ao ano, o Legislativo cearense se desloca aos municípios do interior do Estado para realizar a Sessão Plenária Itinerante. Durante o evento, com a participação de parceiros, são oferecidos diversos serviços à população

JÚNIOR PIO

Texto: Lúcia Stedille

Para além de Fortaleza, sede oficial, a Assembleia Legislativa segue o que o Regimento Interno da Casa determina e desembarca no interior para a realização de sessões ordinárias itinerantes. É quando a Casa desloca todo o seu aparato, realizando sessão ordinária, votação de matérias, reunião de comissões, audiências públicas, debates, eventos culturais, além de vários serviços oferecidos pela AL à população. Quando moradores e lideranças dos municípios comparecem, participam dos debates e eventos, e parlamentares captam as demandas regionais.

O espírito das sessões itinerantes foi levado pelo presidente da Casa, deputado Evandro Leitão (PDT), em 2021, a quatro municípios, com um formato diferenciado, envolvendo diversas atividades, entre elas, feira de serviços, que fortalece o papel social da Casa; Festival de Arte e Cultura, que revela e promove artistas locais e valoriza a cultura, além da sessão plenária, que reforça o diálogo democrático.

Para Evandro Leitão, a aproximação da AL com os municípios precisa ser constante. Segundo ele, além de legislar e fiscalizar, a Assembleia tem a necessidade de ouvir as demandas da população. “Estamos em um movimento de descentralização da Casa. É necessário sair do nosso prédio sede para perto de onde ocorrem as principais demandas e questões do interior do Estado, para ficarmos atentos a todos os municípios e suas necessidades”, salientou.





JÚNIOR PIO

RETORNO DAS ATIVIDADES

Antes da pandemia, a última sessão itinerante tinha sido realizada em novembro de 2019, na cidade de Juazeiro do Norte. O ano de 2020 foi atípico, devido à pandemia de Covid-19, e a Assembleia não realizou as duas sessões previstas para aquele ano. Assim, em 2021, o Legislativo cearense promoveu quatro sessões, referentes ao biênio 2020/2021. Foi realizada uma sessão em Itapipoca em setembro. A visita à cidade de Icó aconteceu em outubro. Já na Serra da Ibiapaba, em São Benedito, a itinerante foi em novembro e, para finalizar, Novo Oriente recebeu as atividades em dezembro. As sessões são articuladas pelo Conselho de Altos Estudos e Assuntos Estratégicos da Casa, presidido pelo deputado Tin Gomes (PDT).



Prossequimos no movimento de descentralização da Casa. É necessário sair do nosso edifício-sede para onde estão as principais demandas da população e questões do interior do Estado, para ficarmos atentos a todos os municípios e suas necessidades."

Deputado **Evandro Leitão** (PDT),
presidente da Casa



Festival de Arte e Cultura da Itinerante em Itapipoca

O parlamentar destacou a atuação do retorno das itinerantes e agradeceu a participação de todos os artistas, enfatizando a iniciativa do festival e afirmando que a edição em Itapipoca foi pioneira, que deu certo e foi repetida nos outros municípios. “Estamos tentando movimentar a categoria artística, gerar novas oportunidades para que a cultura do Ceará possa prosperar cada vez mais”, comentou Tin Gomes.

As apresentações, que destacaram a cultura e os artistas da região, contemplaram quatro categorias: Humor, Repentes e Cantorias, Música Popular Brasileira (autoral) e Música Regional ou Folclore. Houve premiação para as melhores apresentações, cujos prêmios foram de R\$ 2 mil, R\$ 1,5 mil e R\$ 1 mil para o 1º, 2º e 3º lugares de cada categoria, respectivamente.

COM A PALAVRA



“A primeira Assembleia Itinerante que teve votação, ao vivo, foi em Itapipoca. Um marco que não deixa nada a desejar das sessões que são realizadas em Fortaleza. Com o Festival de Arte e Cultura da Casa, estamos tentando movimentar a categoria artística, gerar novas oportunidades para que a cultura do Ceará possa prosperar cada vez mais.”

Deputado **Tin Gomes** (PDT)



DÁRIO GABRIEL



Teatro Municipal de Icó

DESCENTRALIZAÇÃO

O presidente da AL, deputado Evandro Leitão, destacou a satisfação pela retomada das ações no interior do Estado, com a primeira Assembleia Itinerante após a pandemia de Covid-19, realizada em Itapipoca. “Ainda precisamos tomar todos os cuidados necessários, como o uso de máscara e do álcool em gel, mas, graças a Deus, podemos começar a nos reencontrar”, afirmou. O parlamentar reiterou que a Casa Legislativa tem atuado ininterruptamente, alternando os trabalhos remotos e presenciais, conforme o avanço das orientações das autoridades de saúde.

As ações do Setembro Amarelo foram concluídas em Itapipoca, com debates sobre saúde mental e prevenção ao suicídio, cuja

organização envolveu colaboradores lideradas pelo Núcleo de Saúde Mental, Núcleo de Mediação e Gestão de Conflitos, Frente Parlamentar em Defesa da Saúde Mental e pelo Núcleo de Práticas Sistêmicas Restaurativas.

“A Oficina Despertar foi levada a diversos municípios do interior e Região Metropolitana. Um agradecimento especial à minha esposa, Cristiane Leitão, primeira-dama do Parlamento, por toda sua dedicação a essa causa. Não vamos esquecer: falar é a melhor solução para o despertar”, enfatizou o presidente Evandro Leitão. O município recebeu, além da sessão plenária, atividades como palestras, rodas de conversa e festival de música.

Já em Icó, foram deliberados e aprovados 13 projetos de parlamentares, sendo

cinco de lei e oito de indicação. Ao fim da sessão plenária, o presidente da AL, deputado Evandro Leitão (PDT), pediu um minuto de silêncio em respeito à memória das 604 mil vítimas da pandemia de Covid-19 no Brasil, entre elas, o vice-prefeito de Icó, Quilon Peixoto, que faleceu no dia 6 de setembro. O Festival de Arte e Cultura, promovido pelo Instituto Future, ocorreu no Teatro Municipal Ribeira dos Icó, com abertura da Banda Marcial Municipal. No teatro também foi realizada a sessão plenária da Assembleia Itinerante.



TEMAS IMPORTANTES

Em São Benedito, na serra da Ibiapaba, um dos principais assuntos foi a disputa territorial entre Ceará e Piauí. Para o presidente Evandro Leitão, a Assembleia não poderia deixar de se envolver no processo da área de litígio que afeta diretamente os municípios da região. O presidente ressaltou ainda questões ligadas ao litígio, por meio de uma ação que tramita no Supremo Tribunal Federal (STF), desde 2011, e prevê uma reconfiguração territorial que envolve municípios na região da Serra da Ibiapaba. O parlamentar explicou que a Assembleia Legislativa criou o Comitê de Estudos de Limites e Divisas Territoriais do Estado do Ceará (Celditec), que debate, pesquisa e defende junto ao STF os interesses do Ceará.

A deputada Augusta Brito (PCdoB), presidente do Celditec, conversou com a população de São Benedito e prefeitos e re-

presentantes dos 14 municípios cearenses limítrofes com o Piauí: Ipu, Granja, Viçosa do Ceará, Tianguá, Poranga, Ibiapina, Ipueiras, Ubajara, Croatá, São Benedito, Guaraciaba do Norte, Crateús, Carnaubal e Ipaporanga.

Em Novo Oriente, continuaram os debates com temas importantes para o Estado e, principalmente, para a região. Além da sessão plenária e votação de matérias, o evento envolveu diversas atividades, como a feira de serviços, com cursos e capacitações à população.

A aproximação da Casa com os municípios precisa ser constante, segundo ressaltou Evandro Leitão. “Além de legislar e fiscalizar, a Assembleia tem a necessidade de ouvir as demandas da população. Somos representantes de todas as regiões cearenses e precisamos estar abertos às demandas do povo e de seus representantes”, afirmou o parlamentar.

AMOR SOBRE RODAS

Um olhar de gratidão vale mais do que mil palavras. É dessa forma que animais com limitações físicas revelam a transformação em suas vidas após superarem as barreiras da acessibilidade e conseguirem dar os primeiros passos sobre cadeiras de rodas



Texto: Jackelyne Sampaio | jackeline@al.ce.gov.br

Fotos: Celso Oliveira

O filósofo romano Cícero considerava a gratidão a maior das virtudes do ser humano e acreditava que os cães eram capazes de senti-la (Citação do livro *A Vida Secreta dos Animais*). Não podemos comprovar a veracidade desse pensamento, mas é possível perceber que o sentimento está presente nas atitudes de alguns pets com necessidades especiais. É só olhar nos olhos deles. Eles esbanjam gratidão ao saírem em liberdade pelas ruas da cidade em suas cadeiras de rodas do projeto cearense Rodapet.

A iniciativa já garantiu a fabricação de cadeiras para cães, gatos, coelhos e até suínos. “Temos oito anos de muitas histórias, alegrias e tristezas. Antes, a paralisia era sinônimo de eutanásia. Aos poucos, vamos conscientizando as pessoas que um animal com deficiência motora também merece uma chance de viver e de ter qualidade de

vida”, relata a babá de animais Vânia Gomes. Ela e o segurança Marcos Souza são os gestores do Rodapet.

“O Marcos é a alma do projeto. Aprendeu pelo dom de Deus a fazer todos os modelos de cadeirinhas que temos, de apoio de frente, de trás, de quatro patas e o veículo com pedalinhos. Ele pensa em cada detalhe do modelo e transforma isso em realidade”, explica a babá.

Foram mais de 500 unidades produzidas em uma década, beneficiando pets de várias cidades do Ceará, revela Marcos Souza. “Levo de cinco a sete dias para fabricar cada uma, pois todo o trabalho é manual. As cadeiras possuem regulagem de altura e comprimento, por isso podem ser reaproveitadas depois e adaptadas para outros cães”, informa.

No início do projeto, os modelos eram feitos de cano PVC. Hoje o material utilizado é o alumínio, o que torna a cadeira mais leve, resistente e de fácil aceitação.



NOVO SENTIDO

“Ela chegou trazendo vida para a minha vida”, conta com emoção a esteticista automotiva Nancy Frare, que há dez anos adotou uma cadelinha serelepe com necessidades especiais, que chama carinhosamente de Vida Maria. Aos cinco meses de idade, a cachorrinha, que morava nas ruas de Juazeiro do Norte, foi atropelada e perdeu os movimentos das patas traseiras. Foi Nancy quem a socorreu e logo se apegou ao animal.

“Levei-a ao veterinário, que constatou um desligamento dos nervos da cintura para baixo e uma fratura no fêmur, o que ocasionou a perda dos movimentos das patas traseiras e, conseqüentemente, ela ficou sem poder andar”, relata a esteticista automotiva.

No início, a adaptação da Vida foi bem difícil, pois ela ficava com os joelhos machucados ao se locomover pelo chão. “Era uma cena que me cortava o coração. Melhorou quando ela recebeu uma cadeirinha de rodas artesanal, com umas rodinhas pequenas”, revela Nancy. “Então a rotina dela mudou completamente, ela se transformou em outra cachorra, pois o veículo proporcionou uma certa liberdade”, comenta.

A dupla se mudou para Fortaleza e, após alguns anos, Vida ganhou um veículo mais moderno da prima de Nancy, que adquiriu o modelo por meio do projeto Rodapet. “Aí foi diferente para ela, que pôde brincar, ir à praia e até sair correndo quando eu abria o portão, sem nem olhar para o outro lado da rua”, narra a tutora, com um sorriso no rosto. Recentemente, o animal foi contemplado pelo próprio projeto com um novo equipamento.

COM A PALAVRA



“A inclusão de todos os seres vivos deve ser um direito defendido por todos, dando a importância que merece. A iniciativa do projeto Rodapet Fortaleza prima por essa devida relevância, que visa dar esperança, dignidade e principalmente com o foco em animais carentes que perderam a capacidade motora de locomoção. Nosso mandato está a serviço da causa animal. Todas as vidas importam.”

Deputado **Fábio Galvão** (PMN)



Sou fascinada pelos animais. Acredito que eles merecem ter a mesma vida que nós temos. Portanto o que o Rodapet faz é muito importante. Foi capaz de mudar a vida da Mel, assim como transformou a existência de muitos animais. E sou muito grata por isso, que Deus proteja a todos que exercem essa missão.”

Cecília de Medeiros, doméstica e tutora da cadela Mel

ACOLHIMENTO

“Encontrei-a em uma oficina mecânica, tão pequenina e toda machucada, após ser atropelada”, relembra a doméstica Cecília de Medeiros. Ela conta que foi até o local para resgatar a cachorrinha após ser avisada por uma amiga sobre a situação do animal. Hoje a Mel está cheia de vida e celebrou, em setembro último, o terceiro aniversário sob os cuidados da Cecília.

A tutora da Mel explica que, desde o início, contou com o apoio do Rodapet. “Esse projeto me deu força e doou uma cadeirinha de rodas para ela. Depois de alguns anos, ela ganhou um novo modelo, mais adequado ao seu tamanho”, conta.

A rotina da cachorra é bem movimentada. Durante o dia, sai para passear em sua cadeirinha, irradiando simpatia e chamando a atenção da vizinhança. O animal acompanha Cecília até a casa em que trabalha, lá tem seu próprio berço, onde espera pacientemente sua cuidadora terminar as tarefas. À noite, ela volta ao lar, para o aconchego do colchãozinho do seu próprio quarto, onde descansa feliz e se prepara para o dia seguinte.

SERVIÇO:

Para a fabricação dos equipamentos, o projeto Rodapet cobra o valor de custo, que varia de R\$ 280,00 a R\$ 450,00. Já para os animais carentes, os interessados recebem de forma gratuita, porém entram numa fila de espera para análise. O contato é feito pelas redes sociais, através do Facebook Rodapet e Instagram @rodapet_oficial

COM A PALAVRA



“O programa Rodapet veio para garantir uma melhor qualidade de vida para o animal com deficiência física e locomoção comprometida. É de extrema importância e merece toda nossa admiração, porque é uma iniciativa para promover dignidade ao cão ou gato. Graças ao Rodapet, muitos animais voltam a ter a independência para brincar, passear, alimentar-se e desenvolver outras atividades.”

Deputado **David Durand** (Republicanos)



“Esse projeto é o que há de mais sensível, necessário e esplendoroso, pois é essencial pensar em acessibilidade para os animais. São frequentes os casos de maus-tratos a animais no Brasil, principalmente no Ceará, e, mesmo com tantos projetos, parte da população ainda não tem consciência. Dessa forma, iniciativas como essa nos encham de esperança e felicidade, por saber que uma parcela da sociedade está buscando equidade para eles.”

Deputado **Rafael Branco** (MDB)



O FUTURO DO LIVRO E DO ESCRITOR

Em meio ao fechamento de livrarias no País, a questão do livro físico é pauta obrigatória entre autores, editores e livreiros. Com isso, a concorrência com as grandes plataformas de marketplace tem se acirrado. Diante do cenário atual, o Inesp, desde março de 2020, passou a ter o ISBN do Livro Digital e Impresso

Dados da Associação Nacional de Livrarias (ANL) revelam que o Brasil tinha quase 3,1 mil livrarias abertas em 2014. Hoje a estimativa é de que o total seja de 2,2 mil. Em contrapartida, o Sindicato Nacional dos Editores de Livro (Snel) indica que houve aumento de 48,5% na venda de livros em relação ao mesmo período de 2020, quando o volume chegou a 84% com as vendas virtuais, crescendo 43%. Em 2021, de janeiro a outubro, já mais de 40 milhões de livros foram vendidos no Brasil.

Acompanhando as mudanças no cenário das publicações de obras, o Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), órgão da Assembleia Legislativa do Ceará, passou a ter, desde março de 2020, o ISBN do Livro Digital e do Livro Impresso, um código que identifica a obra, tendo a mesma utilidade que, por exemplo, um RG. O ISBN também são sequências de números em forma de códigos, que servem para identificar o título, autor, país, editora e número de edição.

O Inesp é um órgão técnico e científico de assessoramento do Legislativo cearense e mantém parcerias com universidades, secretarias de estado, Ministério Público, prefeituras e câmaras municipais, que permitem a publicação de várias obras. Segundo Ernandes do Carmo, orientador da Célula de Edição e Produção Gráfica do Inesp, também são aceitas solicitações de autores que não pertençam a esses órgãos. Todas as publicações são gratuitas.

Diferente dos sites que permitem publicação gratuita, as obras, após aprovadas, passam pelo projeto gráfico, diagramação,

COM A PALAVRA



“O Inesp, de forma planejada, tem sido vitorioso, ensinando por meio de publicações que a pesquisa, consorciada aos estudos de ontem, faz um hoje ser curioso e um amanhã melhor. O Inesp abrange toda a comunidade cearense que curiosamente busca aqui toda e qualquer forma de estudos do ontem, do hoje a projetar um amanhã recheado de vivências educativas. O Inesp é para a AL um coração pulsátil de sapiência.”

Deputado **Fernando Hugo** (PP)



“O acesso ao conhecimento, por meio das mídias digitais, é uma louvável iniciativa do Inesp. Democratizar a leitura como instrumentalização das práticas de cidadania, por exemplo, é uma questão imperativa em nosso tempo. Nesse sentido, inclusive, apresentamos o projeto que instituiu como lei a Política Estadual de Alfabetização Digital da rede pública de ensino. A iniciativa dará acesso de estudantes com deficiência, professores e gestores escolares às tecnologias digitais de informação e comunicação.”

Deputado **Audic Mota** (PSB)

revisão, impressão e acabamento. Todas as publicações podem ser acessadas gratuitamente no site oficial da Assembleia Legislativa (www.al.ce.gov.br), por meio do livro impresso, do “cartão/cartaz QR Code” e do “cartão/biblioteca digital”.

PUBLICAÇÕES

Estão disponíveis no ambiente virtual mais de 400 publicações, sobre temas como saúde, direito eleitoral, assistência social, educação/pedagogia, recursos hídricos, políticas públicas e desenvolvimento social, publicações jurídicas, além de literatura de cordel e módulos do projeto Alcance.Enem da AL.

Em 2020, as diversas publicações realizadas pelo instituto ultrapassaram a marca de um milhão de downloads. Este ano, até julho, as edições Inesp já haviam alcançado a marca de 1,5 milhão de downloads das publicações. As obras em formato digital têm acesso de forma inovadora, sustentável e inclusiva. Desde 2019, são disponibilizados os livros publicados em formato PDF na plataforma do site da Assembleia Legislativa.

Em relação à distribuição, segundo o presidente do órgão, João Milton Cunha, no mês de outubro, foram enviadas publicações do Inesp para 40 universidades públicas do Brasil e para as 10 maiores universidades públicas e privadas do Ceará. Foi ainda lançado o “Manual de Higiene Oral”, de autoria de Maria Amélia Capelo Barroso e Laura Dolores Gondim Carneiro. Também no período, foram entregues publicações para a Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, cumprindo, pela primeira vez, determinação imposta pela Lei nº 13.399, de 17.11.03 (D.O. DE 19.11.03).



O AMANHÃ

Para os especialistas em mercado editorial, as grandes lojas de livros tendem a fechar, porque o mercado está em transformação e é quase inviável concorrer com as gigantes Amazon, Magalu e Americanas. Com o fechamento de livrarias, provocado, em sua maioria, pelos altos custos de transporte e valores inflacionados de energia, entre outros, a leitura e o acesso aos livros têm alternativas democráticas, a exemplo da expansão de recursos por meio da internet.

A mudança teve início em 1971, ano da criação do e-book – invenção do americano, de Washington, Michael Hart (1947-2011), autor do Projeto Gutenberg de digitalização de livros. O primeiro texto digitado por ele foi a Declaração da Independência dos Estados Unidos. Foi o primeiro passo dado para abrir portas aos leitores e escritores com poucos recursos.

COM A PALAVRA



SAIBA+

O Inesp é um órgão técnico e científico de assessoramento da Assembleia Legislativa, cuja missão é qualificar o debate em torno das questões da agenda pública, orientando a crítica e a tomada de decisões do Parlamento. O órgão também atua na publicação de obras, estudos e pesquisas de temas necessários ao desempenho parlamentar, garantindo apoio cultural às atividades da Casa.

“Prestes a comemorar 33 anos de existência, o Inesp tem cumprido sua missão como órgão técnico e científico de assessoramento de ações inovadoras da Assembleia Legislativa. Destaca-se também como articulador de diretrizes, conhecimento e inovação, além de mostrar compromisso na publicação de trabalhos em prol do desenvolvimento do próprio estado do Ceará.”

Deputado **Sérgio Aguiar** (PDT)

Sendo assim, para aqueles autores que não podem ter livros editados por conta dos altos custos, a internet é o socorro. A primeira plataforma de publicação gratuita no Brasil é o Clube de Autores (<https://clubede-autores.com.br>), que permite tanto a publicação on-line como impressa. E o que é melhor, ainda rende recursos para o autor. Tem a Amazon KDP (Kindle Direct Publishing) e a Saraiva Publique-se (<https://digital.com.br>).

O Amazon KDP permite que o escritor faça sua publicação da forma que deseja e, em cerca de cinco minutos, já está on-line, conquistando milhares de leitores num prazo de 24 a 48 horas. A revisão e a programação dos textos ficam por conta do autor.

Foi nessa plataforma que a socióloga Fátima Vilanova publicou o livro “Nas redes sociais, por democracia com justiça”, que reúne textos escritos nas redes

sociais de 2011 a 2021. A obra, de acordo com a autora, é destinada à consideração do cidadão comum, sem pretensão acadêmica. “Eu espero que as pessoas, hoje desanimadas com os valores de uma edição, sintam-se sensibilizadas e busquem as alternativas que as mídias oferecem. Isso porque, além de gratuito, o autor tem direito de receber 70% da venda de cada livro.”

SERVIÇO:

O Instituto de Estudos e Pesquisas Sobre o Desenvolvimento do Ceará (Inesp) está localizado no prédio da Assembleia Legislativa do Ceará, no Edifício Deputado José Euclides Ferreira Gomes, 5º andar, e funciona de segunda a sexta, das 8h às 12h e das 13h às 17h.



INSETOS DO BEM

“Se as abelhas desaparecerem da face da Terra, a humanidade terá apenas mais quatro anos de existência. Sem abelhas não há polinização, não há reprodução da flora, sem flora não há animais, sem animais, não haverá raça humana”

Albert Einstein

Texto: Jackelyne Sampaio | jackeline@al.ce.gov.br Fotos: Celso Oliveira

Você já ouviu falar sobre a meliponicultura ou sabe a importância dela para o meio ambiente? O termo define a criação racional de pequenos insetos, que medem de dois milímetros a seis centímetros de comprimento. Muito disciplinados e metódicos, eles vivem em sociedade, onde cada um tem uma função definida. Os meliponíneos, conhecidos como abelhas sem ferrão, por possuírem o ferrão atrofiado, são espécies dóceis, de fácil manejo e podem ser criadas até no ambiente urbano. Elas produzem um mel diferenciado e tornam mais eficiente a polinização da flora nativa e dos pomares. Através do trabalho delas há garantia e produção de alimentos, além da manutenção da biodiversidade vegetal.

No Ceará, existem 49 espécies de abelhas sem ferrão, e a atividade da meliponicultura está presente em 70 municípios. Em Aquiraz, na localidade de Patacas, está situado o Meliponário São Francisco, referência no Estado na criação de abelhas sem ferrão. Com 5,6 hectares de extensão, o local conta com uma agro-

floresta, que oferece alimento com fartura para os enxames o ano todo. Esse cenário é o lar de 800 colmeias formadas por 10 espécies.

De acordo com o proprietário do local, Francisco Ximenes, cerca de 70% dos alimentos consumidos hoje dependem da polinização das abelhas nativas de cada região. “Para comermos carne, o boi precisa se alimentar de capim. Este é polinizado pelas flores, que, por sua vez, são polinizadas pelas abelhas. Se não tiver o inseto, não haverá capim, e a demanda de carne será menor. Ou seja, dá uma mexida geral no nosso sistema”, detalha.

O Meliponário São Francisco atua na comercialização e instalação das colmeias em propriedades rurais e urbanas e está aberto à visitação, mediante agendamento prévio. A propriedade é cercada por caixinhas de madeira, que abrigam milhares de insetos, em três categorias: rainha, operária e zangão. Eles são cuidados carinhosamente por Ximenes, que exerce orgulhoso o ofício herdado pelo seu pai e seus avós.



“

Para comermos carne, o boi precisa se alimentar de capim. Este é polinizado pelas flores, que, por sua vez, são polinizadas pelas abelhas. Se não tiver o inseto, não haverá capim, e a demanda de carne será menor. Ou seja, dá uma mexida geral no nosso sistema”

Francisco Ximenes, dono do Meliponário São Francisco



Cada colônia só tem uma rainha, que é responsável pela manutenção da ordem social. Ela possui o corpo maior e é a única fêmea fértil, que exerce a função da reprodução e da postura dos ovos. As operárias ficam com os trabalhos internos, como a elaboração do mel, e os externos, como a defesa da colônia. Os machos, chamados de zangões, têm uma única função: fecundar a rainha.

NOVOS MELIPONICULTORES

A zootecnista e presidente da Associação Cearense de Meliponicultores (Acmel), Hiara Meneses, revela que a atividade ganhou mais adeptos no período da pandemia. “As abelhas sem ferrão são muito dóceis, o cuidado e o acompanhamento do desenvolvimento delas é uma boa distração, uma terapia para as pessoas, por isso muita gente comprou colmeias para suas casas”, conta.

Hiara fala ainda sobre os benefícios econômicos, ambientais e culturais da meliponicultura. Segundo ela, “é uma atividade de investimento inicial baixo e de ótimo retorno para o produtor, atendendo perfeitamente às demandas da agricultura familiar”. Ela acrescenta que é fácil de ser trabalhada dentro dos preceitos da sustentabilidade dos sistemas, já que a produção está diretamente ligada ao nível de preservação e enriquecimento da flora do ambiente.

Ela pontua que o ramo está fortemente ligado a diversas comunidades, como povos indígenas, quilombolas e sertanejos. “Trabalhar a meliponicultura é ajudar a fortalecer a cultura e resgatar tradições de forma amigável e responsável.”



Hiara Meneses



Trabalhar a meliponicultura é ajudar a fortalecer a cultura e resgatar tradições de forma amigável e responsável”

Hiara Meneses, presidente da (Acmel)



DESCOBERTA

Estudo realizado por pesquisadores da Universidade Federal do Ceará (UFC) identificou 20 novas ocorrências de espécies de meliponíneos silvestres em 52 municípios e em 122 localidades rurais do Ceará. A descoberta inclui três novos tipos para a ciência e amplia o catálogo estadual para 49 espécies. O trabalho é de autoria do zootecnista Jânio Angelo Felix e coautoria do professor Breno Freitas, além da colaboração da professora Favízia Freitas e dos alunos do Laboratório de Abelhas.

Conforme o levantamento, os insetos foram encontrados em cidades litorâneas, no maciço de Baturité, nas chapadas da Ibiapaba e do Araripe, além de presentes nos municípios do sertão. “O estudo evidencia a grande riqueza e a ampla distribuição de meliponíneos no Ceará, indicando um bom potencial para a expansão da atividade sustentável e a possibilidade de ser praticada em qualquer área do Estado”, explica Jânio Felix.

A meliponicultura é uma atividade regulamentada pela resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) nº 496, de 19 de agosto de 2020. Conforme o zootecnista Jânio Angelo Felix, no Ceará, existem meliponários bem estruturados e com ambientes agradáveis. “Além do São Francisco, tem a propriedade de Antônio Martins, em Guaramiranga, e o meliponário comandado pelo Carlito Lima, situado na

COM A PALAVRA



“A meliponicultura é essencial para o estado do Ceará, tanto sob a perspectiva sustentável quanto econômica. Primeiramente, sem a polinização não teríamos comida, logo não existiria vida humana. Além disso, o comércio a partir da criação de abelhas é relevante para a economia local e para a agricultura familiar.”

Deputado **Agenor Neto** (MDB)



“A meliponicultura tem sua importância tanto para a economia, quanto para o equilíbrio do ecossistema, visto que as abelhas são as principais fontes de polinização das plantações. O Ceará conta com 49 tipos de abelhas sem ferrão, além de ser o principal produtor de mel do Nordeste. Nosso mandato está de portas abertas para sugestões e propostas, contamos com a participação de toda população cearense.”

Deputado **Tony Brito** (PROS)



Reserva Natural Serra das Almas, em Crateús”, destaca.

O pesquisador revela que as secas, o desmatamento, os inimigos naturais das abelhas e a falta de recursos para investir são algumas das dificuldades relatadas pelos meliponicultores. “Eles sugerem como melhorias a capacitação e assistência técnica; a preservação ambiental, por meio da manutenção de matas nativas; o apoio e incentivo de órgãos governamentais, bem como uma maior divulgação da atividade”, diz. Segundo o pesquisador, esses fatores podem aumentar a procura pelos produtos das abelhas sem ferrão.

BENEFÍCIOS DO MEL

De acordo com teorias, o mel foi o primeiro adoçante da antiguidade. Além de ser utilizado como alimento, possui caráter medicinal, é o que explica a presidente da Associação Cearense de Meliponicultores (Acmel), Hiara Meneses. “Tem a lambe-olhos, que é a menor abelha do mundo (dois milímetros de comprimento), até parece uma formiga. O mel que ela produz pode ser usado na medicina tradicional, em que a pessoa pinga no olho no intuito de curar uma inflamação nos olhos e para limpar a vista”. O litro do produto custa cerca de R\$ 2 mil, porque a espécie só fabrica alguns mililitros por ano.

O mel dos meliponíneos tem propriedades medicinais muito mais fortes do que a

substância elaborada pelas abelhas com ferrão. “Isso porque a própolis, que é a resina que elas tiram das plantas, é armazenada mais próximo do favo de mel. Devido a esse contato diretamente na colmeia, a substância acaba adquirindo propriedades medicinais mais intensas”, ressalta a presidente da Acmel.

Hiara revela ainda que existem muitos meliponicultores no Estado, mas, como a atividade não é legalizada, não existe uma cadeia produtiva estabelecida formalmente. “Então tem muita gente que produz no interior, mas que não consegue escoar o mel para o consumidor da capital e da Região Metropolitana e nem exportar, devido ao problema e à falta de incentivo para a execução da atividade”, assinala.

SAIBA+

APICULTURA X MELIPONICULTURA

As atividades se diferenciam no que se refere às espécies utilizadas, suas características, número de indivíduos da colônia e fabricação do mel. A apicultura é a criação racional da espécie, conhecida como abelha-italiana, em que uma colônia bem manejada pode produzir em torno de 40kg de mel por ano. Já a meliponicultura é a criação racional das espécies do grupo dos meliponíneos, conhecidas popularmente como abelhas sem ferrão, em que a produção de mel varia entre 1kg e 6kg por ano.

NÚMEROS

ESPÉCIES DE ABELHAS COM FERRÃO

Brasil:

+ de 500

espécies solitárias e 1 social exótica

Ceará:

+ de 100

espécies solitárias e 1 social exótica.

ESPÉCIES DE ABELHAS SEM FERRÃO

Brasil:

+ de 250

espécies.

Ceará:

49

espécies.

COM A PALAVRA



“As abelhas nativas sem ferrão representam uma importante riqueza na fauna de insetos, principalmente no Ceará, que abriga quase 50 diferentes espécies. A meliponicultura, que consiste na criação destas abelhas, é uma atividade sustentável e de extrema relevância ambiental, já que elas são as principais polinizadoras das plantações. Outro benefício da atividade é a produção de um delicioso mel, que gera renda para muitos meliponicultores do interior do Estado.”

Deputado **Jeová Mota** (PDT)



“Grande parte da vegetação e do cultivo de alimentos depende da polinização das abelhas, mas hoje, enfrentamos um fenômeno muito conhecido, que é a extinção em massa desses insetos em todo o planeta, devido às secas prolongadas, o desmatamento e os agrotóxicos. Então, precisamos incentivar a meliponicultura, para melhorar a questão da economia no semiárido, melhorar a nossa condição de vida e da natureza em geral.”

Deputado **Leonardo Pinheiro** (Progressistas)

CONEXÕES HUMANAS NA CIDADE

A iniciativa da Prefeitura de Fortaleza, por meio da Autarquia Municipal de Trânsito e Cidadania (AMC), promove uma série de intervenções de baixo custo e que tem como objetivo principal ocupar, de forma democrática, espaços atualmente ociosos da malha viária na capital

Texto: Rita Freire | rita.freire@al.ce.gov.br

Muito mais que ambientes de permanência ou passagem agradáveis pelo caminho, os espaços públicos refletem a natureza da vida urbana e se tornam referências nas cidades. Entre esses espaços, capazes de regenerar aspectos físicos e socioeconômicos de áreas degradadas, estão as praças. Foi a partir desse olhar multifacetado que a Prefeitura de Fortaleza, por meio da Autarquia Municipal de Trânsito e Cidadania (AMC), em parceria com a Secretaria da Gestão Regional (Seger) e Autarquia de Urbanismo e Paisagismo de Fortaleza (UrbFor), desenvolveu e executou o projeto Praças Vivas.

“Trata-se de um conjunto de intervenções de baixo custo que tem como

objetivo ocupar de forma democrática espaços atualmente ociosos da malha viária da cidade”, diz o gerente de Planejamento da AMC, Diego Veras. Segundo observa, além de promover a valorização das comunidades onde estão inseridas, as praças se configuram como locais de encontros, interações, conexões e manifestações socioculturais. Em fase de projeto piloto, a ideia é contemplar 16 espaços da capital.

Diagnosticar os problemas e as carências de espaços públicos, principalmente nas praças presentes nas cidades, identificar potencialidades, escolher a melhor localização e o programa ideal são princípios fundamentais para a aplicação correta de recursos e a elaboração de um bom projeto





Praça Parreão

urbano. Uma área carente de equipamentos de cultura, lazer e esportes é prioritária para a instalação desses espaços públicos.

Para a superintendente da AMC, Juliana Coelho, o conceito de mobilidade não se restringe apenas ao trânsito. Segundo ela, é preciso, antes de tudo, compreender que as pessoas estão no centro de tudo e qualquer movimento. “Pensamos na cidade para elas, incentivando a qualidade de vida e o bem-estar. Esperamos que as áreas requalificadas se tornem pontos de atenção para os condutores de veículos e que proporcionem um convívio para a população e minimizem os riscos de acidentes”, acrescenta.

As intervenções incluem urbanismo tático, arte urbana, implantação de mobiliário, limpeza urbana, melhoria da iluminação pública e reordenação do trânsito. Esses espaços também se transformam em



LEOMAR

Praça Parreão

locais para a implementação de programas e políticas públicas para incentivar o uso de maneira mais humana e consciente, bem como o despertar de novos usos coletivos na cidade. “São políticas que podem ser pontuais e também ações efetivas que passem a fazer parte do cotidiano urbano.”



KIKO SILVA - PREFEITURA DE FORTALEZA

Praça Viva da Avenida Desembargador Gonzaga



Praça Viva - Rodolfo Teófilo - Voluntários trabalhando

NASCE UMA PRACINHA

Em uma de suas canções, Raul Seixas dizia que “sonho que se sonha junto é realidade”. E foi justamente da vontade de transformar um desejo em algo real que, em 2019, nasceu o sonho de transformar um espaço na rua Dr. Bezerrinha, entre a Gustavo Braga e a Pastor Samuel Munguba, bairro Rodolfo Teófilo.

Na ocasião, foi criada uma conta no Instagram chamada @quasepracinha. Ali se contava um pouco do dia a dia daquele lugar cheio de potencial para virar uma pracinha. Em uma das postagens estava o seguinte relato: “A cada olhar de contemplação, nós e a cidade nos tornamos um do outro. Olhar é com o corpo todo. E o corpo da cidade é o nosso também. Vamos imaginar, afinal no início tudo foi apenas uma ideia”.

Após a divulgação nas redes sociais, o sonho se expandiu e virou realidade. Em julho de 2021, após ser aprovada pelos moradores do bairro Rodolfo Teófilo, foi entregue à comunidade a primeira Praça Viva de Fortaleza. “Em apenas algumas horas, gas-

tando pouco, conseguimos trazer vida a um espaço que não era utilizado. A ocupação dos espaços traz segurança e aproxima as pessoas”, relata a equipe de voluntários que participou da intervenção.

Com a intervenção realizada por voluntário da AMC, o espaço ganhou cores e vida, além de promover a redução dos acidentes, que eram constantes na região. Nos últimos cinco anos, foram registrados ao redor do local 53 acidentes no seu total, com 38 vítimas e dois atropelamentos.

Outro espaço contemplado com uma Praça Viva está localizado no cruzamento da rua Santa Luzia com a Padre Ambrósio Machado, no Parreão. No local, voluntários da AMC trabalharam na pintura de bancos, calçadas e muros.

Ayrton Holanda, morador do bairro, elogia a iniciativa e revela a surpresa que teve ao chegar um dia do trabalho e encontrar o espaço, antes cinza, colorido de gente e vida. “Encontrei as crianças brincando, famílias conversando, vizinhos regando as plantas. É um trabalho muito importante para uma cidade melhor”, afirma.

CONSTRUINDO O FUTURO

O Brasil vive um emblemático momento histórico, em que a sociedade cobra melhorias em sua estrutura urbana. E não há como falar em urbanismo sem vinculá-lo às questões sociais. Se antes os espaços subutilizados ou abandonados eram vistos como um grande problema para a qualidade de vida, agora iniciativas como o projeto Praças Vivas transformam esses lugares em terrenos férteis para o sonho de uma sociedade mais justa.

As redes sociais, a internet, os shopping centers, assim como a insegurança e a pandemia da Covid-19 retiraram parte das pessoas das ruas e das praças de nossas cidades. Contudo a revitalização desses espaços públicos é representativa

da vida urbana.

É fascinante observar como as pinturas feitas nos muros, que até bem pouco tempo eram vistas como “vandalismo”, interagem com a paisagem local e deixam a vista ainda mais bonita. De acordo com o gerente de planejamento da AMC, Diego Veras, a revitalização desses espaços faz pulsar o coração de cada cidadão no sentimento de pertencimento a sua terra e sua origem.

“Com isso, queremos promover uma ocupação mais saudável dos espaços, despertando a comunidade para as questões ambientais e sociais, respeito às leis de trânsito e cidadania. Ocupar as ruas minimiza riscos de acidentes e diminui os índices de criminalidade”, finaliza Veras.



Praça Parreão



Praça Viva - Rodolfo Teófilo - Voluntários trabalhando

OUTRAS INTERVENÇÕES

A arte urbana é um elemento que foi introduzido na cidade involuntariamente, sem o aval do poder público, realizada por manifestações individuais ou coletivas, mas que enriqueceram muito a paisagem urbana. Contudo, após muitas experiências de controle das manifestações artísticas na cidade, algumas administrações públicas passaram a incentivar e legislar tal apropriação do espaço, contribuindo para a liberdade de expressão, para o enriquecimento da paisagem e para a valorização dos espaços públicos.

Quem passa pelo cruzamento da avenida Lineu Machado com a Carneiro de Mendonça, no Jôquei Clube, em Fortaleza, seja a pé, de bicicleta ou carro, percebe que a área passou por uma grande intervenção da AMC. Uma das mudanças de maior destaque é a implementação da segunda maior faixa de pedestres da capital. De acordo

com a autarquia, cada uma das faixas instaladas nos dois sentidos da via possui 18 metros de extensão.

A maior faixa de pedestres da cidade é a da avenida Tristão Gonçalves com a rua Liberato Barroso, no Centro, com 40 metros de extensão. O tamanho da faixa é uma forma de chamar a atenção dos motoristas para que redobrem o cuidado no local. Além da nova faixa de pedestres, a região também recebeu ações do projeto Praça Viva.

SAIBA +

As Praças Vivas estão presentes nos bairros Rodolfo Teófilo, Parque Iracema, Parque Araxá, Parreão, Montese, Padre Andrade e Barroso. Além desses, serão contemplados também os bairros Couto Fernandes, Vicente Pinzón, Conjunto Ceará, Papicu e Antônio Bezerra.

O ARQUITETO DA LEVEZA



*"Sou um observador,
um colecionador de
imagens. Procuro utilizar
o meu olhar. O que farei
com minhas visões diz
respeito ao destino delas
amalgamado ao meu..."*

Sérvulo Esmeraldo



Há cinco anos, deixava-nos o genial pintor, escultor, gravador e ilustrador Sérvulo Esmeraldo. Com obras públicas referências em nossa capital, como a “Femme Bateau” ou o “Monumento aos Jangadeiros”, o artista é conhecido não apenas em nosso Estado, mas também no País e no mundo

Texto: Fátima Abreu | fabreu@al.ce.gov.br

Fotos: Máximo Moura

Reconhecido internacionalmente, o cearense de Crato – cidade considerada o oásis do sertão, no Cariri – reuniu um acervo com cerca de 10 mil obras no Instituto Sérvulo Esmeraldo, localizado em Fortaleza. A instituição foi criada em 2013 para permanecer com a sua obra viva na lembrança da população, por meio de sua viúva, Dodora Guimarães, presidente do local. Lá, a arte de Sérvulo já pode ser acompanhada a partir do portão de entrada da casa. Uma obra considerada “post mortem”, explica a curadora de artes visuais, porque só foi executada após o falecimento do artista, em 2017, vítima de AVC.

O que chama a atenção é a implantação do acervo documental de Sérvulo Esmeraldo, que conta com recursos da Lei Federal de Incentivo à Cultura, apoio da Cagece, Banco do Nordeste, Ecofor e Cegás. No acervo estão projetos, maquetes, estudos, cadernos de notas e de desenhos, orçamentos, clipes de imprensa, correspondências, fotos de família e

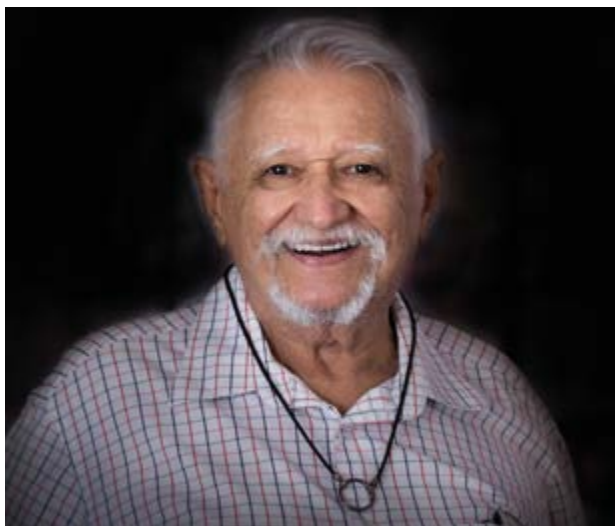


FOTO GENTIL BARREIRA

até negativos de flagrantes do artista para serem revelados e catalogados com todas as exposições realizadas durante sua rica vida. Há maquetes delicadas, matrizes de xilogravura, a técnica que ele começou a trabalhar e de que nunca se separou. “É a cozinha do artista”, ressalta Dodora.

A viúva revela que Sérgio Esmeraldo não descansava. “A sua rotina produtiva não parava nem quando dormia”. Segundo Dodora Guimarães, durante o sono, “ele costumava encontrar soluções” para situações pendentes. No acervo são encontradas, além das inúmeras esculturas e pinturas, joias (anéis e cordões) fabricadas por ele.



RAÍZES

“Para conhecer Sérgio Esmeraldo, é preciso conhecer o Crato. Ele foi praticamente um menino de engenho. Foi criado entre o Crato e Bebida Nova, que era um engenho de rapadura da família”, acrescenta Dodora. Ela reconhece que Sérgio foi muito marcado pela paisagem do entorno da casa Bebida Nova. Segundo ela, isso está dito em muitos dos textos dele. “Inclusive a casa está em processo de tombamento, com a intenção de preservar como bem cultural e respeitando também a natureza.”



Sair com o Sérvulo era um exercício. Ele estava sempre me mostrando, me compartilhando a efervescência da sua criação. O Instituto Sérvulo Esmeraldo foi um desejo dele de que criasse uma instituição que não apenas preservasse a sua memória, que trabalhasse o seu legado, mas que também contribuísse para o fomento da arte contemporânea no Ceará."

Dodora Guimarães, curadora de artes visuais, presidente do Instituto Sérvulo Esmeraldo

A casa fica no pé da Serra de Araripe, numa localização privilegiada. De lá, dá para ver a Serra do Horto, em Juazeiro. “Ele disse que quando saiu do Crato levou a linguagem das terras. Ele estudou, aprendeu técnicas, mas o que comanda mesmo é a linguagem”, comenta a curadora.

O homem, que nunca deixou as suas memórias da infância na Chapada do Araripe, sempre buscou “conversar” com os cearenses. Mesmo com materiais considerados pesados, como o aço, é possível sentir leveza e movimento no seu trabalho. O seu foco eram as linhas e as cores. Uma de suas mais populares obras está na Praia de Iracema, o “Interceptor Oceânico”, considerada por ele como uma “obra de engenharia.” Encomendada pelo ex-governador Aduino Bezerra, foi inaugurada em 1976.

Sérvulo Esmeraldo começou a trabalhar com metais a partir da escultura do Banco do Nordeste, em 1982, oportunidade em que aprendeu a técnica da metalurgia (Calderaria). Em seguida, fez uma exposição para São Paulo, considerada muito marcante na sua vida, porque foi eleita a exposição do ano naquela capital.

TEOREMAS

A partir dos anos 1990, teve início a grande mudança no seu trabalho, foi quando passou a utilizar teoremas matemáticos. “Ele se apropria diretamente dos livros para criar es-

culturas que dão ideia de volume”, relembra Dodora Guimarães. Dois elementos são marcantes na obra de Esmeraldo: a linha e o movimento. Todos os trabalhos dele têm como eixo os dois elementos.

Sérvulo foi um artista disciplinado. Trabalhava de domingo a domingo e seguia uma rotina que incluía tomar café, seguir para o ateliê e uma voltinha no bar. Apreciador de uma boa cachaça, fazia isso sempre, encerrando o “expediente” às 18 horas.

Muito em breve, os apreciadores de artes poderão estar próximos das obras de Sérvulo Esmeraldo numa exposição itinerante que está sendo preparada para o Centro Cultural Banco do Brasil e deve ser inaugurada em Brasília, em janeiro de 2022. Em seguida, será levada ao Rio de Janeiro e, possivelmente, São Paulo ou Belo Horizonte.



SAIBA MAIS+

Por iniciativa do governador Camilo Santana, 2019 foi o Ano Cultural Sérvulo Esmeraldo, em alusão aos 90 anos do artista, comemorados em 27 de fevereiro. Sérvulo se tornou conhecido como um dos artistas brasileiros pioneiros no movimento artístico da arte cinética, que explora efeitos visuais por meio de movimentos físicos ou ilusão de óptica ou truques de posicionamento de peças. Em setembro de 2021, foi realizado um festival no Crato que durou 21 dias consecutivos de programação, para comemorar o aniversário de 91 anos do artista. A comemoração aconteceu um ano depois, por conta da pandemia. Foi reinaugurada a escultura "Pirâmides", na Praça da Encosta do Seminário. A peça, criada em 2008, foi instalada em 2016, mas sofreu danos em sua estrutura nos anos seguintes.



SÉRVULO ESMERALDO REALIZOU DIVERSAS EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS, ENTRE AS QUAIS:

- 1951** Sociedade de Cultura Artística, Crato (CE).
- 1957** Museu de Arte Moderna, São Paulo.
- 1961** Galerie La Hune, Paris, França.
- 1962** Museu de Arte Moderna, Salvador.
- 1964** Galleria Il Canale, Veneza, Itália.
- 1974** Galerie Sanguine Art, Collioure, França.
- 1984** Paulo Figueiredo Galeria de Arte, São Paulo.
- 1985** Arte Galeria, Fortaleza.
- 1988** Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro.
- 2001** Galeria Múltipla de Arte, São Paulo.
- 2007** Sicardi Gallery, Houston, Estados Unidos; Museu de Arte Contemporânea, Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, Fortaleza.

Participou também de coletivas, entre elas:

- 1950** Salão de Abril, Fortaleza (cinco participações posteriores).
- 1956** Salão Paulista de Arte Moderna, Galeria Prestes Maia, São Paulo, prêmio aquisição.
- 1957** Exposição Internacional de Cracóvia, Polônia.
- 1960** Jeune Gravure Contemporaine, Paris.
- 1962** Arte de América y España, várias cidades europeias.
- 1984** Bienal de Havana, Cuba; Mestres do Abstracionismo Brasileiro, exposição realizada em diversos países europeus e nos Estados Unidos.
- 2004** Gesto e Expressão: o abstracionismo informal nas coleções JP Morgan Chase e MAM, Museu de Arte Moderna, São Paulo.
- 2005** Festival @rt Outsiders: brasil digital, Maison Européenne de la Photographie, Paris. (fonte <https://www.iacbrasil.org.br/>)

FEMINISMO *Negro*

Na busca de mais equidade e justiça social, mulheres negras confrontam o racismo, o machismo e o capitalismo e valorizam suas raízes

Texto: Marina Ratis | marina.ratis@al.ce.gov.br

Indígenas, negras, brancas, europeias, latino-americanas, asiáticas, africanas e por aí vai. Dentro do movimento feminista existem recortes de realidades distintas. Entre eles, o feminismo negro.

Com o objetivo de fortalecer a organização política das mulheres negras e influenciar a agenda política das organizações e movimentos comprometidos com a luta feminista, antirracista e anticapitalista, foi criado, em 2003, no Ceará, o Instituto Negra do Ceará (Inegra).

De acordo com Franciane dos Santos, socióloga e membro do grupo desde 2018, ele foi fundado por 13 militantes formadas em Serviço Social e outras mulheres que vinham do Centro de Pesquisa e Estudo (Cepes). "Elas escreviam projetos para obter recursos para realizar ações dentro de comunidades quilombolas e das periferias. Em 2015, o Inegra veio para o viés também da luta antiprisional", conta.

Essa proposta começou quando a enfermeira Míriam França, uma mulher negra, foi a única pessoa que teve a prisão decretada entre vários suspeitos no caso da turista italiana Gaia Molinari, encontrada morta na praia de Jericoacoara, em 24 de dezembro de 2014. "Após comprovada sua inocência, o Inegra fez diversas manifestações em frente ao Auri Moura Costa, único presídio feminino do Ceará. Foi através da Míriam que começaram a conhecer o contexto de como as mulheres negras viviam dentro do presídio e outras denúncias de condições desumanas", relata a socióloga.

Há um ano, o instituto chegou a realizar três projetos financiados pelo Fundo Brasil de Direitos Humanos dentro do presídio Auri



“Não dava mais tantos anos de silenciamento, após uma falsa Abolição de Escravatura que nunca chegou para a gente”

Franciane Santos, socióloga

Moura Costa: “Pelos Asas de Maat: ampliando o acesso à Justiça das mulheres em situação de privação de liberdade no Ceará”; “Mulheres Negras: quebrando os laços das novas correntes” e “Tecendo Negras Liberdades”.

“Foram projetos que tiveram repercussão nacional na defesa dos direitos humanos. A gente tem essa referência de ser a única instituição de mulheres negras que atua frente ao encarceramento da população negra e extermínio e morte do povo negro”, relata Franciane Santos.



Rede de Mulheres Negras, encontro sobre autocuidado

Ela destaca ainda que as mulheres negras são atravessadas por diversas opressões, que não atuam separadamente, e essa falta de representação nesses movimentos, durante muito tempo, invisibilizou-as. "Não dava mais tantos anos de silenciamento, após uma falsa Abolição da Escravatura que nunca chegou para a gente. Não houve reparação, e, quando chegamos para nos somar na luta que sempre fez parte do nosso cotidiano, somos invisibilizadas", explica.

“

Através desse feminismo preto que eu empodero minha filha"

Aiane Batista, jornalista

ARQUIVO PESSOAL



Aiane Batista e filha

NOVA FRENTE

Em julho de 2019, surgia um novo grupo, a Rede de Mulheres Negras do Ceará, com núcleos em Fortaleza e na região do Cariri. Nesse período de pandemia, elas passaram a se articular para ampliar sua atuação e chegar à Serra da Ibiapaba e Maracanaú, incorporando mais mulheres negras de mais territórios cearenses.

Em novembro do ano passado, a organização foi contemplada pelo Edital de Fortalecimento Institucional do Fundo Brasil de Direitos Humanos. “Foi um edital importante para a gente realmente se estruturar, estruturar a rede, ampliar nossos laços, colocar mais mulheres e continuar a luta por outros tipos de conquista”, conta a analista de Gestão em Saúde da Fiocruz, Luciana Lindenmeyer. Para ela, que faz parte da rede, falar de conquistas é falar de continuar resistindo e existindo.

Neste ano, a Rede de Mulheres Negras do Ceará participou da mobilização pelas cotas nos concursos públicos do Ceará, de outros tipos de mobilização política e fez atividades que resgatam a sua ancestralidade. Sobre essa questão, Luciana conta que a ancestralidade é um princípio da população negra em respeito e valorização da sua história e dos saberes tradicionais.

COM A PALAVRA



"Vivemos ainda as heranças de um regime racista, patriarcal e escravocrata. Considerando a nossa tarefa histórica e coletiva de reparação, tivemos a iniciativa de homenagear uma das grandes lideranças na mobilização dos jangadeiros contra o transporte de negros escravizados para o Ceará, no século XIX: Preta Tia Simoa. Já foi aprovada e sancionada a data de 25 de julho como o Dia da Preta Tia Simoa e da Mulher Negra, criando também a Semana Preta Tia Simoa de Combate à Discriminação Contra Mulheres Negras."

Deputado **Renato Roseno** (PSOL)

“A gente tem esse respeito às mais velhas, que nos brindam com a sua sabedoria. Para a gente estar aqui hoje, é preciso reconhecer, reverenciar essa ancestralidade e resgatar esses saberes de ervas, chás, benzedadeiras e rezadeiras, que sempre foram utilizados desde a África. A gente procura ter essa conexão, mesmo longe fisicamente do continente africano, para que a gente consiga seguir esses passos”, elucida.



Luiza Nobel

FOTO JORGE SILVESTRE

CANSAÇO

"Meu cantar é minha liberdade
Meu jeito de conquistar a cidade
Da cor que predomina"

Música Let's Burn - Luiza Nobel ft. Nego Gallo

A cantora e compositora Luzia Nobel, revela que o feminismo negro foi impactante em sua vida. "O que eu desejo falar é do cuidado entre nós. Não só das questões de já ter sofrido racismo, mas falar sobre as nossas vivências, que podemos nos cuidar, ter palavras de afeto entre nós da população preta e cearense", declara.

“

A gente entende que mulheres brancas têm privilégio perante a sociedade e ainda ganham melhores salários que mulheres negras e indígenas. Para mim, é muito importante que exista esse recorte e que seja discutido"

Luzia Nobel, cantora e compositora

Para ela, é preciso entender que existe lugar de privilégio dentro do feminismo. "A gente entende que mulheres brancas têm privilégio perante a sociedade e ainda ganham melhores salários que mulheres negras e indígenas. Para mim, é muito importante que exista esse recorte e que seja discutido", explica.

O empoderamento desde cedo foi muito importante para a jornalista Aiane Batista. "Através desse feminismo preto que eu empodero minha filha, que eu falo que o cabelo dela é muito bonito. Eu faço com ela o que a minha mãe fez comigo há 25 anos, quando nem existia empoderamento, mas a minha mãe tinha isso comigo de falar que eu era muito linda", conta.

Acessar obras que apresentem vivências e visões de mundo dessas mulheres é fundamental na luta antirracista, pelo não silenciamento delas e na busca de uma mudança de mentalidade da sociedade, mesmo que isso ocorra de forma lenta. Nesse sentido, o Brasil conta com intelectuais importantes para acompanhar, dentre elas, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzales, Sueli Carneiro, Jurema Werneck, Núbia Moreira, Beatriz Nascimento, Luiza Bairros e Carolina Maria de Jesus. Em tempos mais recentes, diversas obras de escritoras negras receberam tradução, como aconteceu com Audre Lorde, Angela Davis e bell hooks.

COM A PALAVRA



"Dentro das trajetórias e lutas das mulheres, é preciso entender que as mulheres negras possuem vivências e demandas específicas que precisam ser levadas em consideração. Portanto, é necessário um conjunto de ações que possibilitem oportunidades sociais para mulheres negras no Estado. Acredito que o feminismo negro é uma luta fundamental para mudanças que nos levem a uma sociedade livre de preconceitos."

Deputado **Elmano Freitas** (PT)



Deputada
Érika Amorim (PSD)

Valores humanos na educação de crianças e adolescentes

“ É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”, diz o artigo 227 da Constituição Federal.

Esses dizeres apontam uma das principais missões do nosso mandato. Na Casa do Povo, estive à frente da Comissão da Infância e Adolescência da Assembleia Legislativa (biênio 2019-2020). Hoje represento o Legislativo no Pacto Nacional pela Primeira Infância. Estar nessa mobilização é dar mais força à luta pelos direitos das crianças.

Nessa missão, destaco a brilhante atuação do Instituto Myra Eliane. Com base nos valores humanos de paz, amor, verdade, retidão e não violência, o instituto, sob

presidência do Igor Queiroz, já abraça 14 municípios e conta com 4.696 profissionais capacitados, beneficiando mais de 46 mil alunos cearenses.

Em Caucaia, município que representamos como prioridade na Assembleia, tive a honra de participar de forma efetiva da articulação que levou para o povo o Complexo Educacional Myra Eliane, que abraça, em sua estrutura, o Centro de Educação Infantil Olga e Parsifal Barroso. São mais de 400 crianças de dois a seis anos, meninos e meninas que têm a oportunidade de um desenvolvimento educacional.

Reforço o que determina o artigo 227: a criança, o adolescente e o jovem devem ser tratados como prioridade absoluta. E mais: com preciosos valores (paz, amor, verdade, retidão e não violência), acreditamos que iremos colher um futuro sadio, sem violência e mais cidadão. Esse é um compromisso que nos motiva todos os dias.



Deputado
Júlio César Filho (Cidadania) -
Líder do Governo

Democracia: uma relação constante de diálogo

O exercício pleno da democracia pressupõe a autonomia e a eficiência dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. A construção de uma relação harmoniosa depende do diálogo entre as instituições. Nesse contexto, o parlamento exerce papel primordial como intermediador dos anseios do povo no processo de elaboração de políticas públicas.

Com as prerrogativas essenciais de legislar e fiscalizar as ações do Executivo, temos a função de defender a aplicação do dinheiro público em ações de interesse da sociedade. A pandemia, que tem impactado nas nossas vidas desde 2020, evidenciou um olhar mais humano e social para a população mais carente na agenda do Legislativo cearense, reforçando o conceito de Casa do Povo, inerente à Assembleia Legislativa do Ceará.

À frente da liderança do Governo Camilo Santana, garantimos a aprovação de importantes medidas voltadas para a população de baixa renda, apesar da queda na arrecadação do Ceará, em 2020, de mais de R\$1,5

bilhão. Entre as ações, a isenção das contas de água e suspensão da tarifa de contingência; o pagamento da conta de luz; a oferta do vale-alimentação para alunos da rede estadual, no valor de R\$ 800,00 (por aluno); a implementação como política pública permanente do vale-gás e a antecipação do pagamento do Cartão Mais Infância.

As ações sociais se somam à oferta de incentivos aos setores econômicos afetados. Essas medidas de recuperação econômica já sinalizam uma melhora na geração de emprego. O Ceará apresenta uma trajetória de crescimento pelo sexto mês consecutivo neste ano. As medidas são consequência do diálogo constante entre Legislativo, Executivo e a sociedade civil, condição essencial para o processo democrático.

Acredito que é assim que construímos a verdadeira democracia, nesse diálogo com o cearense, seguindo todos de mãos dadas: o Legislativo, a sociedade e os demais poderes.

*Os artigos publicados refletem exclusivamente as opiniões dos parlamentares cearenses.



PACOTE DE **DIGNIDADE**

O absorvente íntimo, usado durante a menstruação, é um item indispensável na vida das mulheres. Porém ainda há milhares de brasileiras que, por razões financeiras, ainda não têm acesso ao produto. O Ceará começa a mudar essa realidade com a distribuição desse material em escolas públicas

Natural no corpo feminino, a menstruação ainda é cercada por diversos tabus. Felizmente, o debate sobre o assunto tem ganhado cada vez mais espaço para discussão e algumas vitórias. Desde 2014, a higiene menstrual é um direito reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU) como uma questão de saúde pública e de direitos humanos. O problema social é pouco discutido, mas tem nome: pobreza menstrual. Ela impacta a vida de milhares de mulheres não só no Brasil, mas no mundo todo.

O termo consiste basicamente em situações em que meninas, adolescentes, mulheres e homens trans em situação de vulnerabilidade social não têm condições de pagar por produtos básicos para manter uma boa higiene no período da menstruação, como os absorventes descartáveis e até mesmo sabonete e papel higiênico. Tem relação também com a falta de informação sobre a menstruação e ausência ou precariedade de infraestrutura no ambiente onde vivem, como banheiros, água e saneamento.

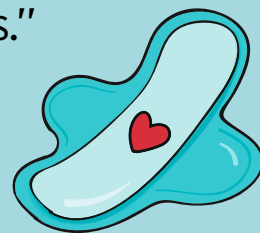
A adolescente C.F.S., de 16 anos, que prefere não ser identificada, conta que a dificuldade para garantir itens básicos de higiene íntima foi intensificada no ano passado, com o início da pandemia. Ela revela que a mãe, manicure, viu sua agenda esvaziar da noite para o dia e, com a falta de clientela, a renda que sustentava a família. Sem dinheiro, passou a contar com a ajuda de doações.

“Aqui em casa são quatro mulheres, pois tenho mais duas irmãs. A gente recebia de doação alguns absorventes, mas a quantidade não dava para as quatro. Até minha mãe

“

Aqui em casa são quatro mulheres, pois tenho mais duas irmãs. A gente recebia de doação alguns absorventes, mas a quantidade não dava para as quatro. Até minha mãe voltar a trabalhar, tivemos que nos virar cortando blusa velha para substituir o absorvente quando faltava. Ainda bem que as aulas presenciais tinham sido suspensas.”

C.F.S., 16 anos



voltar a trabalhar, tivemos que nos virar cortando blusa velha para substituir o absorvente quando faltava. Ainda bem que as aulas presenciais tinham sido suspensas”, descreve sobre a situação constrangedora.

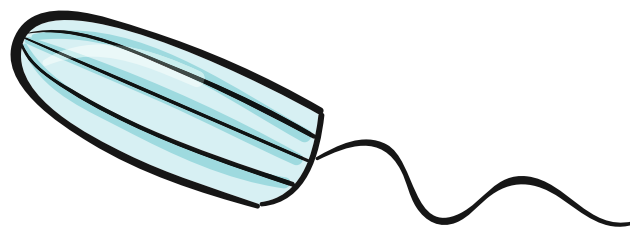
Apesar de ser um tema discutido recentemente, a vendedora Cristiane Xavier, de 45 anos, revela que esse problema vem de longa data e não se reflete só na falta do absorvente, mas também nas dores que a acompanham. “As cólicas, muitas vezes, também me impediam de ir à escola. Se não tínhamos dinheiro para o absorvente, imagine para o analgésico. Era à base de chá de camomila e compressas. Não foi fácil”, conta a vendedora.



AÇÕES NO ESTADO

No Ceará, 115 mil alunas da rede pública estadual passarão a receber gratuitamente, na própria escola, o equivalente a dois pacotes, com oito unidades cada, por mês. A lei foi sancionada no fim de julho pelo governador Camilo Santana, autor do projeto, após ser aprovada na Assembleia Legislativa do Ceará. O investimento estadual é da ordem de R\$ 9,4 milhões por ano.

Segundo a vice-governadora do Estado, Izolda Cela, a falta do absorvente representa uma barreira para algumas estudantes estarem em sala de aula. “Para o orçamento de tantas famílias, é algo que não é barato, e garantir esse apoio é fundamental. É um conjunto de ações na educação



que apoiam a condição da pessoa para ter mais conforto, segurança e tranquilidade, tanto na frequência na escola, quanto na vida”, explica.

De acordo com a Secretaria da Educação do Ceará (Seduc), já foram iniciados os procedimentos para aquisição dos itens, que deverão ser distribuídos em breve. “A falta de um absorvente íntimo é um fator que amplia as desigualdades educacionais entre as jovens brasileiras. Aqui no Ceará entendemos que, além de oferecer um ensino de qualidade, é nosso dever cuidar do



FOTO DÁRIO GABRIEL

“

A falta de um absorvente íntimo é um fator que amplia as desigualdades educacionais entre as jovens brasileiras. Aqui no Ceará entendemos que, além de oferecer um ensino de qualidade, é nosso dever cuidar do bem-estar e da saúde de todas as estudantes.”

Eliana Estrela, secretária da Educação do Ceará

bem-estar e da saúde de todas as estudantes”, afirma a secretária da Educação do Ceará, Eliana Estrela.

No Parlamento cearense, existem pelo menos três propostas abordando o tema. Duas são projetos de indicação (PI) da deputada Augusta Brito (PCdoB). O 58/2021, aprovado em junho, cria a Política de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Paism), com a distribuição de insumos e absorventes em equipamentos públicos de saúde e de ensino. Já o PI 268/2021, em coautoria com a deputada Érika Amorim (PSD), determina a inclusão de absorventes na cesta básica comercializada no Ceará.

A deputada Augusta Brito também é autora do projeto de lei 242/2021, que prevê a criação da Semana Estadual da Pobreza Menstrual no Ceará e tem o objetivo de ampliar e promover o acesso às informações sobre saúde, higiene e produtos menstruais.

COM A PALAVRA



“Como médico ginecologista, sei da importância desse produto básico durante o período menstrual. Gostaria de parabenizar a iniciativa do governador para liberar absorventes, tanto para jovens da rede pública estadual como municipal. É uma ação muito importante, principalmente nesse pós-pandemia, em que a população, principalmente os mais humildes, ficou em situação de extrema dificuldade.”

Deputado **Antônio Granja** (PDT)



“Sugerimos projetos na Casa para tratar da temática, garantindo acesso a esses produtos e ajudando a sociedade a conhecer e falar mais sobre algo que nos é tão natural, a menstruação. Ficamos felizes que o Ceará saiu à frente e sancionou a lei garantindo a distribuição do produto higiênico já em 2021.”

Deputada **Augusta Brito** (PCdoB)



“

Em casa tenho o privilégio de escolher o que comer e qual absorvente usar, se um coletor menstrual ou absorvente. Mas, quando olhei para aquelas mulheres (moradoras de rua), me perguntei como fazem quando estão menstruadas.”

Larissa Maia, publicitária

SANGUE NOSSO

Depois de assistir a um documentário curta-metragem chamado “Absorvendo o Tabu”, em 2018, que retrata a pobreza menstrual na zona rural da Índia, a publicitária Larissa Maia conta que ficou bastante impactada. Em 2020, com a pandemia, ao ser voluntária na distribuição de quentinhas, a preocupação com as mulheres de rua voltou, surgindo a rede de apoio Sangue Nosso.

“Em casa tenho o privilégio de escolher o que comer e qual absorvente usar, se um coletor menstrual ou absorvente. Mas, quando olhei para aquelas mulheres (moradoras de rua), me perguntei como fazem quando estão menstruadas. E o que mais me chamou a atenção foi saber que, para conter o fluxo, algumas usavam pedaço de pano, miolo de pão, pedaços de árvore e até papelão”, relata.

Segundo Larissa, a Sangue Nosso é uma rede de comunidade voluntária para distribuição de kits de higiene para mulheres em situação de vulnerabilidade em Fortaleza e cidades vizinhas, além de levar informações adequadas sobre a saúde íntima e higiene menstrual, para tentar quebrar o tabu sobre a menstruação.

O projeto atende, em média, 200 mulheres por mês, com entrega de kits com absorventes, calcinhas, escova e pasta de dente, sabonete, máscaras de proteção, álcool em gel e papel higiênico. A arrecadação de material para doação é feita através do Instagram (@sanguenosso).

VETO

O problema é antigo, porém o tema voltou à tona depois que o presidente Jair Bolsonaro vetou, em outubro último, o programa que previa a distribuição gratuita de absorventes para estudantes de baixa renda matriculadas em escolas da rede pública de ensino. O projeto também contemplava mulheres em situação de rua ou de vulnerabilidade social extrema, presidiárias e internadas em unidades para cumprimento de medida socioeducativa. Seriam 5,6 milhões de mulheres contempladas no final.

O presidente também vetou o trecho do projeto que incluía absorventes nas cestas básicas distribuídas pelo Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, argumentando, entre outros pontos, que a iniciativa – de autoria da deputada federal Marília Arraes (PT-PE) e aprovada pelo Senado em 14 de setembro – não previu fonte de custeio para a distribuição dos itens.



SAIBA+

De acordo com o relatório Livre para Menstruar, realizado pelo movimento Girl Up - da Fundação das Nações Unidas, que busca promover a igualdade de gênero -, em parceria com a empresa Herself, uma em cada quatro brasileiras não tem acesso a absorventes.

Já o levantamento realizado pela Johnson & Johnson Consumer Health, divulgado em setembro de 2021, apontou que 29% das brasileiras entre 14 e 45 anos tiveram dificuldades financeiras nos últimos 12 meses para comprar o item de higiene.

NOVA CHANCE DE VIDA

Com iniciativas de resgate e reabilitação, a ONG cearense Aquasis, promovida por biólogos, colaboradores e voluntários, ajuda na preservação populacional de espécies ameaçadas de extinção e na conservação da biodiversidade do Estado

Texto: Narla Lopes | narla.lopes@al.ce.gov.br

Fotos: Máximo Moura

O Ceará é um dos estados recordistas no encalhe de diversas espécies marinhas, principalmente filhotes de peixe-boi (*Trichechus manatus*). A estimativa é de que restem menos de mil em toda a costa do Brasil. O cenário seria ainda mais desalentador se alunos e professores da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade Estadual do Ceará (Uece) não tivessem atentado para o problema. Em 1994, foi criada a ONG Associação de Pesquisa e Preservação de Ecossistemas Aquáticos (Aquasis), que implementou programas de preservação de biomas e reintrodução de animais na natureza, associados à pesquisa e educação ambiental.

A instituição é hoje uma das mais importantes na reabilitação de peixes-boi marinhos do País e referência na América do Sul. “Nosso primeiro resgate foi um filhote de

peixe-boi que tinha uma mordida de tubarão no flanco. Infelizmente ele veio a óbito. Logo depois vieram outros encalhes, e foi aí que a gente teve a dimensão do que era essa problemática aqui no Ceará”, lembra Cristiane Negrão, vice-presidente e uma das fundadoras da Aquasis.

No início, os animais resgatados ficavam em piscinas desmontáveis no Instituto de Ciências do Mar (Labomar), da UFC. Logo após, recebiam os primeiros socorros e era feita a translocação deles para o Centro de Conservação de Mamíferos Aquáticos na Ilha de Itamaracá, em Pernambuco, único lugar no Brasil que tinha um centro de reabilitação para filhotes dessa espécie, que se diferencia do peixe-boi-da-Amazônia (*Trichechus inunguis*), que vive em água doce.

“Chegamos a enviar cerca de 60 animais.



Encalhe é mais comum entre setembro e março, temporada de peixes-bois marinhos.

Mas tínhamos muita vontade que eles permanecessem aqui, fossem reabilitados e depois devolvidos ao seu local de nascimento, até para um reforço populacional da espécie”, diz Cristiane Negrão.

PARCERIA

Em 2012, com a criação do Projeto Manati, foi inaugurado o Centro de Reabilitação de Mamíferos Marinhas (CRMM) no Ceará. Patrocinado pela Petrobras e em parceria com o Sesc Caucaia, obteve permissão de cuidar dos animais em nosso Estado, desde o resgate até a reintrodução deles em vida livre. O local é equipado com piscinas de água salgada, salas de necrópsia e de acervo osteológico, laboratório, salão de visitantes e alojamento.

O programa tem hoje 18 peixes-boi marinhos em reabilitação. Um deles é o Siará – o nome faz alusão ao local onde foi resgatado em novembro último, após ser encontrado por populares encalhado na Praia da Barra do Ceará, em Fortaleza.

COM A PALAVRA



“O trabalho sério e dedicado à preservação dos nossos ecossistemas continua sendo de grande necessidade e precisa de reconhecimento e apoio por parte do poder público em tempos tão hostis aos defensores da biodiversidade. Parabéns a todos da Aquasis pelos 27 anos de desafios e compromisso com a preservação do meio ambiente.”

Deputado **Guilherme Landim** (PDT)



Soltura de peixe-boi em Icapuí



A alimentação é dada em mamadeiras subaquáticas, para evitar contato dos animais com humanos.

Depois de passar por uma bateria de exames, o bebê, de 1,32 metro de comprimento e 36 quilos, está em boas condições de saúde, pronto para passar os próximos dois anos, no mínimo, aos cuidados do CRMM, até que seja o momento de voltar para casa.

ENCALHE

O encalhe de filhotes é comum devido, principalmente, à falta de áreas adequadas e preservadas para as fêmeas cuidarem dos recém-nascidos. Essas áreas são os estuários de rios – uma espécie de berçário –, com águas calmas para o filhote que nasce sem saber nadar. Sendo assim, o parto acaba acontecendo em mar aberto, desajeitadamente, entre ondas e fortes correntes, favorecendo a separação da mãe e o posterior encalhe do bebê peixe-boi. “Ela que auxilia a dar o primeiro impulso para ele subir até a superfície para respirar, essencial nesses primeiros dias de vida.”, explica a educadora ambiental da Aquasis, Beatriz Queiroz.

Uma vez encalhados, em hipótese nenhuma se deve devolver o animal para a água. Sozinhos eles não conseguiriam sobreviver e provavelmente encalhariam no-

vamente em outro trecho da praia, com a saúde mais comprometida.

A conduta também vale para os animais adultos, é o que explica Vitor Luz, médico veterinário e coordenador do Programa de Mamíferos Marinhos (PMM) da Aquasis. “Independente do tamanho, se é um filhote ou adulto, se aquele animal saiu do ambiente natural e foi parar na faixa de areia, ele não está bem. Precisa de algum tipo de avaliação e cuidado”, ressalta.

DE VOLTA PARA CASA

Antes de voltar para casa, os filhotes resgatados precisam ganhar peso. No centro de reabilitação, recebem cuidados diários de veterinários, biólogos, colaboradores e são alimentados. Quando podem voltar para casa, uma verdadeira operação é acionada, com ajuda da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros, para transferir esses gigantes para um novo endereço, o cativeiro de aclimatação, em Icapuí, a 200 quilômetros de Fortaleza.

As primeiras solturas de animais, desde a inauguração do centro de reabilitação, foram feitas este ano, com a reintrodução de dois peixes-boi: Maceió e Pintada. Demorou um pouco porque só em 2019 a Aquasis conseguiu recursos para construir o cativeiro de aclimatação, que é o último estágio de adaptação até a liberdade.

“A maioria foi resgatado com poucos dias de vida, muitos até com o cordão umbilical, então o tanque-rede que fica dentro do mar, a uns 200 metros da praia, é para adaptá-lo ao ambiente marinho”, explica Katherine Choi, bióloga e coordenadora da base da Aquasis em Icapuí.



“

Nossa esperança é conseguir reverter o quadro de extinção das espécies ameaçadas, garantindo que continuem existindo no futuro, que minha filha e netos também tenham a chance de conhecer o peixe-boi marinho, o periquito-cara-suja, o soldadinho-do-Araripe.”

Katherine Choi, bióloga e coordenadora da base da Aquasis em Icapuí

COM A PALAVRA



“Admiro muito a atuação desses profissionais e sua dedicação pela manutenção e defesa de animais que fazem parte da história do nosso povo. Parabéns pelo trabalho desempenhado ao longo de toda a trajetória da Aquasis, e desejo que possamos, enquanto sociedade, aprender com eles essa forma de cuidado e preservação.”

Deputado **Romeu Aldigeri** (PDT)

OUTROS PROJETOS

Ao longo de 27 anos de funcionamento, novas iniciativas surgiram, com foco na conservação de outras espécies ameaçadas de extinção no Ceará, dando origem aos projetos Soldadinho-do-Araripe, na Chapada do Araripe; Periquito-Cara-Suja, no Maciço de Baturité, e Aves Migratórias do Nordeste, no litoral leste, que trouxeram grande visibilidade e êxito em estratégias de conservação dessas espécies.

Há ainda o projeto Brigada da Natureza, em parceria com o Sesc, que atua com foco na educação ambiental e arte-educação de crianças e jovens em situação de risco no município de Caucaia, na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF).

Um dos planos da entidade é concluir a aquisição de áreas na Serra de Baturité para transformá-las em Reservas Particulares do Patrimônio Natural (RPPNs), onde os ani-



Projeto Soldadinho-do-Araripe

mais terão mais chances de procriar e serem protegidos, já que a maioria dos lugares onde ocorre hoje – além da Serra de Baturité, Canindé, Ibaretama e Bahia – não têm proteção legal.

A recuperação e preservação da parte degradada das RPPNs, com a troca de árvores que não fazem parte do bioma natural por vegetação nativa, para que haja alimento e água em abundância para os soldadinhos, também faz parte.



Projeto Brigada da Natureza

Costurando histórias

Com foco em atender crianças com desnutrição, o Iprede amplia a visão e cria projeto que usa a moda para transformar a vida da mãe ou cuidadora também em situação de vulnerabilidade

Texto: Marina Ratis | marina.ratis@al.ce.gov.br **Fotos:** Celso Oliveira

Moda é comunicação pura; tanto expressa como dialoga com o pensamento de uma sociedade. Para além de criar tendências, tem um papel fundamental de gerar valores e promover uma transformação social. O projeto “Vai, Maria”, do Instituto da Primeira Infância (Iprede), reflete bem isso. Criado em 2018, ele promove aulas teóricas e práticas de corte, costura, moda e criação, além de encontros, em um trabalho de escuta das ideias e vivências das participantes, mães e cuidadoras de crianças assistidas pela instituição.

Inicialmente com foco no enfrentamento à desnutrição infantil, há alguns anos a organização percebeu uma reincidência séria de crianças que recebiam alta e voltavam com o mesmo problema ou algum outro tipo de adversidade. “Foi aí que a gente se tocou que não adiantava só cuidar da criança, tinha que cuidar da família como um todo. E no nosso perfil de família, a mulher é a grande revolução de toda essa estrutura social”, revela o gerente institucional do Iprede, João Victor Furtado.

A proposta do “Vai, Maria” surgiu a partir de uma conexão entre as estilistas Manuela



Bau e Brenda Guimarães, que estudaram juntas estilismo e moda e, já formadas, estavam dispostas a participar de uma iniciativa social. A *Manu*, como é conhecida, chegou primeiro ao Iprede. Brenda morou em São Paulo alguns anos e, quando voltou para a capital cearense, mandou uma mensagem para a amiga da faculdade. Daí surgiu a parceria.

“O projeto representa Maria [mãe de Jesus] passando na frente das nossas mães. Quando a gente fala na oração ‘Maria, passa à frente, ilumina nossos caminhos, ilumina a nossa vida’, ela representa todas as mães sofredoras e batalhadoras que fazem parte do projeto. Acho que por isso é tão iluminado e abençoado”, conta Manuela.



“

O projeto representa Maria [mãe de Jesus] passando na frente das nossas mães. Quando a gente fala na oração 'Maria, passa à frente, ilumina nossos caminhos, ilumina a nossa vida', ela representa todas as mães sofredoras e batalhadoras que fazem parte do projeto. Acho que por isso é tão iluminado e abençoado”

Manuela Bau, idealizadora do projeto “Vai, Maria”

MULHERES ASSISTIDAS

São as mulheres que estão em um contexto de vulnerabilidade social, seja pelo ambiente violento em que estão inseridas, pelo desemprego, analfabetismo ou por, em sua maioria, serem mães solo, atendidas no projeto. Mazia da Costa Cruz é um exemplo. Ela é mãe de quatro filhos, dois adolescentes e duas crianças. A chegada da mais nova, a Mariana, de quatro anos, mudou totalmente a sua vida.

“Meus outros filhos foram criados pela minha mãe. Depois que eu tive a Mariana, a minha vida melhorou, porque antes eu estava na droga. Muito difícil para voltar à sociedade, mas consegui fazer o tratamento da minha filha. Ela nem andava, nem falava, nem comia, ela não fazia digestão. Eu pedia passagem dentro do ônibus para levar ela para fazer fisioterapia. Tinha dia que a gente não tinha o que comer”, declara.

O Hospital São José encaminhou a Mariana ao instituto. “Ela ia fazer um ano e pesava quatro quilos, com um alto índice de desnutrição. O Iprede foi a salvação de toda a minha família. De tudo. De comida, de expectativa de vida. Porque eu estava no fundo do poço”. Hoje ela participa da terceira turma do projeto “Vai, Maria”. “Só tenho a agradecer muito. Só não posso fazer mais pelo Iprede porque não tenho, mas se eu pudesse, faria”, diz Mazia emocionada.

Já Manoela Diniz chegou ao Iprede por causa da filha que nasceu prematura. A criança é acompanhada desde os três meses de vida. Hoje, já está com sete anos. Nesse período, também se sentiu acolhida pelo instituto, que oferecia para as mães os serviços de assistência so-



cial e psicologia. Inclusive, ela começou a ouvir comentários sobre o projeto “Vai, Maria”, mas, a priori, não teve interesse. “Minha vontade foi nunca ser costureira, eu nunca gostei. Nunca tinha pegado em máquina. Nada!”, conta.

Até que veio o processo de separação do marido e ela sentiu necessidade do atendimento psicológico, que a ajudou a mudar de ideia. “O que o projeto significou, e ainda significa, foi que entrou para minha vida num momento em que eu estava muito fechada. Eu posso dizer que o projeto ‘Vai, Maria’ é uma luz. Ele despertou realmente quem era eu, Manoela, porque nem eu estava mais me reconhecendo.”



TRABALHO DE ESCUTA

De acordo com João Victor, não se trata de apenas um curso de capacitação, a iniciativa transcende o corte e costura. A cada quinze dias, elas têm intervenções que as fortalecem enquanto grupo e ser humano. “É um processo de escuta colaborativo, em que ela começa a identificar que não é tão diferente da outra mulher que também está participando”, explica.

Além do momento da escuta, as alunas também visitaram fábricas e trocaram ideias com grandes nomes da moda cearense. É uma oportunidade de elas já se imaginarem nesse ambiente de trabalho. “A gente tem dois perfis aqui dentro do ‘Vai, Maria’. Aquela mãe que quer ser empreendedora e que a gente tenta minimamente dar uma estrutura para ela e a mãe que quer a CLT (Consolidação das Leis de Trabalho), ir para uma confecção, porque precisa desse dinheiro imediato”, esclarece o gerente institucional.

Por enquanto, a regra é receber inscrições apenas das mulheres responsáveis pelas crianças atendidas pelo Iprede, e o momento da escuta é um dos principais motivos. “A gente, desde o começo, priorizou que fosse um espaço feminino. Aqui é o espaço delas acima de qualquer coisa. Aqui elas são as verdadeiras protagonistas”, justifica João Victor.

Conforme a estilista Manuela Bau, é o momento que elas têm para desabafar e escutar uma a outra, então não seria justo incluir os homens. Muitas, inclusive, poderiam não se sentir à vontade. Porém ela reconhece que, enquanto eles também estiverem com problemas, o contexto não muda. “Quem sabe um dia a gente vai conseguir ter a nossa própria estamparia ou a nossa própria facção aqui

dentro? Quem sabe, assim, a gente não comece a trazer os homens e fazer um trabalho de família?”, reflete.

O GRANDE DIA



O desfile é o momento em que essas mulheres se realizam e, por isso, é o mais esperado do projeto, que já está na terceira turma. Cada uma conta com, aproximadamente, cerca de quinze participantes no início, chegando ao final entre onze a treze participantes.

No primeiro ano, os tecidos utilizados para a confecção da coleção foram por doação. Deu tão certo que, em 2019, com a segunda turma, o “Vai, Maria” foi financiado pelo Criança Esperança. Naquele mesmo ano, também teve o apoio da Universidade de Fortaleza (Unifor). Alunos e professores da graduação e pós-graduação participaram da produção das peças, da elaboração de um plano de negócios, de material gráfico e de moda para foto e vídeo. O desfile da Coleção Brasilidade, do segundo ciclo do “Vai, Maria”, aconteceu na Praça da Imprensa e ficou à venda na feira Babado Coletivo.

A renda obtida voltou para o projeto, e as mães também conquistaram seus primeiros ganhos a partir desse trabalho.

Nesse terceiro ciclo, o tema escolhido para a coleção é “Vida de Maria”. O projeto contou com o patrocínio da Organização Educacional Farias Brito, que cedeu também professores e alunos do Curso de Moda para acompanhar a construção do desfile. A ideia é fazer com que as participantes se fortaleçam, aprendam as técnicas e possam seguir carreira no setor.

A técnica do patchwork (trabalho em retalho) também foi utilizada nessa coleção. Inclusive, uma das peças foi um vestido usado pela Miss Brasil, a cearense Teresa Santos. Ele foi na bagagem dela para o Miss Universo 2021, que aconteceu no dia 12 de dezembro em Israel.

Cada ciclo do “Vai, Maria” dura nove meses. “É uma gestação literalmente, propositalmente”, define João Vitor. Porém, este ano não foi possível, por causa da pandemia. “Elas tiveram mais do que nove meses, juntando o ano passado e este, mas a gente fez questão de elas terem a vivência da conclusão do desfile. Continuamos porque a gente não queria desistir delas. Queríamos que concluíssem sabendo realmente todos os processos”, justifica a estilista.



“

A mulher é a grande revolução de toda essa estrutura social. Talvez essa seja a grande força desse projeto, que une muitos corações.”

João Victor Furtado, gerente institucional do Iprede

COM A PALAVRA



“Iniciativas como essa que fazem a diferença nas vidas dessas mulheres que precisam do apoio de todos nós, dessa forma, podendo transformar a vida de pessoas que já se sentiam abandonadas e sem nenhuma expectativa para o futuro. Portanto deixo os parabéns a todos os envolvidos nesse projeto.”

Deputado **Oriel Nunes** (PDT)



MARCA SOCIAL

As peças que as mães vão desfilar e o restante dos tecidos vão ser produzidos para serem vendidos no dia do evento, e o que sobrar pode ser adquirido posteriormente na loja Elabore, que se tornou o principal ponto de vendas do projeto. O trabalho desenvolvido pelo “Vai, Maria” é totalmente colaborativo. Conta com doações, apoios e parcerias de pessoas e instituições públicas e privadas. “A gente é muito grato e talvez essa seja a grande força desse projeto, que ele junta muitos corações, desde estilistas, marcas, pessoas e professores que vêm aqui”, agradece João Victor.

Entre os profissionais da moda que colaboram com o projeto está o designer de estampas Zé Filho. Ele é responsável por materializar a história dessas mulheres nas estampas. “O projeto é como uma grande fogueira que aquece e comunica de uma forma tão calorosa o sentimento delas. Eu acredito que sou uma peça que coloca ali um pouquinho de lenha, mas quem faz acontecer, de fato, quem bota fogo são elas”, ressalta o artista.

Em uma das estampas podemos ver bailarinas com algumas frases de autoria dessas mulheres. Para João Victor, é como se fossem elas mesmas dançando pela trajetória de suas vidas. “Quando a gente quis fazer a marca ‘Vai, Maria’, muita gente quis vender roupas. A gente queria vender as histórias delas, é a força delas que faz isso acontecer. Se não fosse por isso, nada existiria. Tudo é por elas e para elas. Essa é a grande fortaleza que nos faz continuar”, diz emocionado.



“

O projeto “Vai, Maria” é uma luz. Ele despertou realmente quem era eu, Manoela, porque nem eu estava mais me reconhecendo.”

Manoela Diniz, mãe atendida

SAIBA+

O projeto “Vai, Maria” acontece no Iprede, situado na rua Professor Carlos Lobo, nº 15, no bairro Cidade dos Funcionários, para o atendimento de mães e cuidadoras das crianças atendidas pela instituição. Além dele, existe o “TransforMaria”, sobre culinária, e o “Maria Bonita”, com cursos de corte de cabelo e maquiagem.

PÃO PARA O ESPÍRITO DO POVO

Em 30 de maio de 1892, 30 anos antes da Semana de Arte Moderna, um grupo de intelectuais cearenses criou a Padaria Espiritual. Mais do que uma agremiação literária, o grupo foi um breve, mas produtivo movimento cultural que destacava o nacionalismo, a irreverência e a criatividade do povo cearense

*“Na destruição somente deste absurdo aniquilamento
É que talvez surja um outro novo momento”*

Música Padaria Espiritual - Ednardo

Texto: Rita Freire | rita.freire@al.ce.gov.br **Fotos:** José Leomar

O Modernismo no Brasil nasceu em São Paulo, como sabemos, com a realização da Semana de Arte Moderna de 1922. Contudo, através de uma pequena olhada na história – algo que deveríamos fazer sempre –, é possível perceber que esse Modernismo já estava por aqui 30 anos antes, em pequenos movimentos culturais que não tiveram tanto reconhecimento, já que a mídia estava mais direcionada aos acontecimentos no Sul e Sudeste do Brasil.

Um dos palcos da revolução cearense foi o Café Java, que ficava situado em uma das

extremidades da Praça do Ferreira. No final do século XIX, o lugar era conhecido como ponto de encontro de escritores e artistas. Foi lá que, em 1892, Antônio Sales e “meia dúzia de amigos” idealizaram A Padaria Espiritual. Muito antes de escrever “Aves de Arribação” (1914), o jovem intelectual, então com 24 anos, elaborou um manuscrito com 48 regras que já revelavam o espírito do grupo que acabava de nascer.

Os sócios eram chamados de “padeiros”, o presidente era o “primeiro-forneiro” e as sessões chamavam-se “fornadas”, já que aconteciam no “forno”. O jornal editado por eles era denominado O Pão. Todos os



No centro da Foto, sentado à esquerda da mesa, o poeta Antônio Sales (fundador). Do outro lado da Mesa, Waldemiro Cavalcante. Em pé, entre os dois, Rodolfo Teófilo. À esquerda de Rodolfo Teófilo, o escritor José Nova, e na extrema esquerda, Papi Júnior.

componentes tinham um pseudônimo, ou “nome de guerra”, como gostavam de dizer.

Como era uma associação “de rapazes de letras e artes”, reunia, além dos poetas Antônio Sales (Moacir Jurema) e Sabino Batista (Sátiro Alegrete), ficcionistas como Adolfo Caminha (Félix Guanabara) e Artur Teófilo (Lopo de Mendoza); músicos, como os irmãos Henrique Jorge (Sarasate Mirim) e Carlos Vítor (Alcino Bandolim), e um pintor, Luís Sá (Corregio Del Sarto). Joaquim Vitoriano (Paulo Kandaslaskaia), que não tinha nenhum desses talentos, figurava como o guarda-costas. Com muita ironia, o programa da instalação da padaria era to-

talmente diferente de tudo que até então era produzido.

FORNOS E FORNADAS

Por causa das constantes referências, por parte dos “padeiros”, ao estabelecimento de Mané Coco, o Café Java, muitos poderiam pensar que a Padaria Espiritual sempre funcionou nesse local. Todavia, só nos primeiros dias e, mais tarde, apenas esporadicamente, o Café Java serviu de ponto de encontro dos padeiros. As outras sedes da agremiação localizaram-se sucessivamente nos prédios nº 105, 106 e 11 da rua Formosa (Barão do Rio Branco).

Os sócios eram chamados de “padeiros”, o presidente era o “primeiro-forneiro” e as sessões chamavam-se “fornadas”, já que aconteciam no “forno”. O jornal editado por eles era denominado O Pão

imortalizar a agremiação na historiografia literária brasileira, também serviu para torná-la conhecida no eixo Rio/São Paulo, centro das discussões intelectuais da época. Dividida entre os diversos discursos existentes, que iam dos monarquistas, passando pelos republicanos, até os restauradores, a Padaria Espiritual escolheu satirizar os valores capitalistas que procuravam padronizar ou imitar as manifestações culturais europeias. Os padeiros elegeram o modo de vida cearense como definidor do caráter nacional.

Do primeiro prédio saíram porque o proprietário irritou-se com a falta de pagamento dos aluguéis; do segundo, porque o estabelecimento ameaçava desabar e, finalmente, do terceiro, porque deliberaram que as reuniões, isto é, as “fornadas”, seriam realizadas na casa dos próprios padeiros. Esses encontros, quase sempre, consistiam na leitura de peças clássicas e obras dos próprios padeiros, tudo regado a aluá, licores e vinhos. Os aniversários e outras comemorações eram festejados com almoços ou jantares, com execução de obras musicais.

DISTRIBUIÇÃO DOS PÃES

Para divulgar as ações do movimento, os padeiros distribuíram “os pães” por todos os cantos do País. Com a divulgação do jornal O Pão, aproveitaram para estabelecer contato com os escritores mais conhecidos do Rio de Janeiro, então Capital Federal. Essa publicidade, além de



MULHERES PADEIRAS

Se hoje as mulheres ainda precisam lutar pelo reconhecimento de seus talentos, no final do século XIX a situação era ainda mais difícil. Apesar de um movimento revolucionário em diversos aspectos, a Padaria Espiritual pouco se preocupava com as questões ligadas à luta das mulheres. A participação delas na agremiação era praticamente restrita a ficar à sombra dos maridos e companheiros. Uma das exceções, de participação mais ativa, foi a cearense de Icó Ana Nogueira, esposa de Sabino Batista, ou Satyro Alegrete, como ele assinava seus textos. A irreverência e o sarcasmo de Sabino se uniram à inteligência e suavidade de Ana, e dessa boa massa formaram a família Nogueira Batista.

Ana Nogueira Batista vinha de uma linhagem abolicionista. Seu pai era deputado provincial e presidente da Sociedade Libertadora dos Escravos em Icó. Ela cresceu como poeta e, além do O Pão, teve participação em vários jornais e publicações da época. Traduziu Verlaine, Contesse de Noailles e Sully Prudhomme. Infelizmente a fama de Ana parou no tempo e num país onde a memória é pouca e rasa. No entanto, foi agraciada no Dicionário de Mulheres do Brasil e um de seus poemas foi musicado pelo compositor Alberto Nepomuceno.



O PÃO - livro escrito por Regina Pamplona Fiuza e que conta a história do jornal da padaria

O PÃO QUE NÃO ENDURECE

A Padaria Espiritual deixou de existir em 1898. Porém a repercussão do movimento ecoa até os nossos dias. A agremiação foi precursora da Semana da Arte Moderna (1922) não apenas pela irreverência e iconoclastia, mas também, como escreveu o memorialista Pedro Nava (“Baú de ossos”), por certo aspecto revolucionário de inspiração nacionalista, pela aversão ao excesso de estrangeirismos, exacerbada não pelo ódio à diferença – até porque, de acordo com o Estatuto da agremiação, tirava-se o chapéu

para Homero, Goethe, Shakespeare, Dante, Hugo e Camões –, mas, novamente pelo bom humor e, segundo o saudoso professor Gilmar de Carvalho, pela convicção de que nossa língua, costumes, fauna e flora poderiam figurar como referencial para a produção cultural brasileira.

Apesar de seu pioneirismo e importância, por pouco a trajetória da Padaria Espiritual não foi parar no lixo. Por muitos anos, as atas que relatavam os encontros dos “padeiros” ficaram perdidas. Durante uma limpeza no Instituto do Ceará, uma funcionária encontrou os livros, que foram parar nas mãos de Regina Pamplona Fiúza, bisneta do padeiro José Carlos da Costa Ribeiro Júnior, o Bruno Jaci. Além de o segundo padeiro-mor do grêmio do Café Java, ele foi um dos fundadores da Academia Cearense de Letras (ACL).

Em posse dos tesouros do bisavô, Regina ajudou no árduo trabalho de “traduzir” os escritos que relatavam os encontros da padaria espiritual. Ela também é autora do livro “O Pão... da Padaria Espiritual”. A publicação analisa a história e a trajetória do periódico publicado pela agremiação.

Além de várias dissertações e teses defendidas sobre a Padaria Espiritual, foi publicada, em 2005, a primeira edição do livro “É pra Ler ou pra Comer?”, da escritora cearense Socorro Acioli, publicado pela Edições Demócrito Rocha, contando a história do grupo. Outro destaque é o documentário “A Padaria Espiritual”, realizado pelo escritor e cineasta Felipe Barroso, em 2009, com a participação de Sânzio Azevedo, Gilmar de Carvalho, Batista de Lima e Regina Pamplona Fiúza. O filme está disponível no YouTube.



Regina Pamplona Fiúza - mostrando a ata dos encontros da padaria e um livro que reúne as poesias do bisavô

Em posse dos tesouros do bisavô, Regina ajudou no árduo trabalho de “traduzir” os escritos que relatavam os encontros da padaria espiritual. Ela também é autora do livro “O Pão... da Padaria Espiritual”. A publicação analisa a história e a trajetória do periódico publicado pela agremiação.

SAIBA + SEMANA DE ARTE MODERNA

É declarado universalmente no Brasil que o Modernismo nasceu da famosa Semana de 22, contudo, se dermos uma leve olhada, notamos que esse Modernismo já estava por aí, mas em pequenos movimentos culturais sem grande repercussão pelo País. Pode-se, inclusive, idealizar um paralelo entre a agremiação literária denominada Padaria Espiritual e a Semana de Arte Moderna, também denominada Semana de 22, e evidenciar que a Padaria introduziu o Modernismo nos meios culturais vigentes até então.

A Semana de Arte Moderna nasceu em São Paulo, entre os dias 11 e 18 de fevereiro do ano de 1922. O evento marcou o início do Modernismo no Brasil e tornou-se referência cultural do século XX. Ela representou uma verdadeira renovação de linguagem, na busca de experimentação, na liberdade criadora da ruptura com o passado e até corporal, pois a arte passou então da vanguarda para o Modernismo. O evento marcou época ao apresentar novas ideias e conceitos artísticos, como a poesia através da declamação, que antes era só escrita; a música por meio de concertos, pois antes só havia cantores sem acompanhamento de orquestras sinfônicas, e a arte plástica exibida em telas, esculturas e maquetes de arquitetura, com desenhos arrojados e modernos.

COM A PALAVRA



“A literatura brasileira, como tudo mais na formação de nossa sociedade, surgiu como herança do mundo português. No seio desta assoma, sem dúvida, a literatura cearense, que desde os Outeiros, passando pela Padaria Espiritual e uma dezena mais de grupos e entidades literárias, como a pioneira Academia Cearense de Letras, de 1894, tem legado ao presente uma produção literária de respeitabilidade, por intermédio de nomes que tanto ontem como hoje alcançaram legítima proeminência no contexto local e nacional.”

Deputado **Heitor Férrer** (SD)



“Esse movimento conseguiu transitar entre as letras, a boemia e o humor, mantendo uma formalidade às avessas, com suas regras um tanto quanto diferentes, mas que tinham como objetivo maior despertar o interesse pela literatura e pelo conhecimento. Celebrar o surgimento da Padaria é reconhecer sua importância histórica para a formação da cultura e literatura na forma como elas existem hoje, no Ceará e no Brasil como um todo.”

Deputado **Guilherme Sampaio** (PT)



ROCK NA TERRA DO SAMBA

Muitos não acreditaram que poderia dar certo. Afinal, até aquele momento, nunca ninguém havia ousado fazer um megaevento como ele. Mas, quando os portões da Cidade do Rock, no Rio de Janeiro, abriram pela primeira vez, no dia 11 de janeiro de 1985, toda e qualquer dúvida foi dissipada. Nascia naquele momento um dos maiores festivais de música do mundo: o Rock in Rio. E ele veio para ficar. Passados 37 anos, ele se prepara para mais uma edição, desta vez aterrissando em Lisboa, Portugal.

Durante os dez dias de festival - de 11 a 20 de janeiro - houve entre quatro e seis apresentações diárias de bandas e artistas brasileiros e internacionais. E o público

compareceu em massa de todos os cantos do Brasil. Só na primeira noite, 470 mil pessoas se aglomeraram no local. A lista de atrações era uma verdadeira constelação de astros e estrelas da época, muitos, até hoje, ainda na estrada. Entre eles, podemos destacar Queen, Iron Maiden, James Taylor, Scorpions, Ney Matogrosso, Gilberto Gil, Alceu Valença, Rita Lee, Moraes Moreira, Elba Ramalho, Lulu Santos, Cazuza, Ivan Lins e os grupos Blitz, Kid Abelha & os Abóbora Selvagens, Os Paralamas do Sucesso e Barão Vermelho. Passadas mais de três décadas, o festival já teve 21 edições, no Brasil e exterior, somando mais de 10 milhões de ingressos vendidos.

01/01/1502

RIO DE JANEIRO/BRASIL

Conhecida como um dos principais cartões-postais do Brasil, a Baía da Guanabara já encanta desde o seu descobrimento oficial pela expedição portuguesa comandada por Gaspar de Lemos. Primeiramente, os portugueses a confundiram com a foz de um grande rio, o qual denominaram de “Rio de Janeiro”, em virtude da data em que foi descoberta. Entretanto os índios temiminós, que já habitavam o local, tinham uma designação em tupi: guana (seio) bara (mar), “mar de seio”, em referência ao seu formato arredondado e à fartura de pesca que proporcionava. Seu relevo, que forma um porto de abrigo natural, foi fundamental para o desenvolvimento econômico de cidades com o próprio Rio e Niterói.

01/01/1816

LAGO LEMÁN/SUIÇA

Um Prometeu moderno. Assim a escritora britânica Mary Shelley descrevia sua obra-prima até hoje saudada com um dos maiores clássicos da literatura de terror gótico: “Frankenstein”. O romance relata a história de Victor Frankenstein, um estudante brilhante de ciências naturais, que constrói um monstro em seu laboratório, feito a partir de pedaços de outros corpos humanos. O mais incrível foram os fatos de Mary ter apenas 19 anos na época e o livro ter surgido meio por acaso. Ela e seu futuro esposo, o também escritor Percy Shelley, foram passar férias com amigos à beira de um lago e, devido ao inverno vigoroso, ficaram confinados no chalé. Foi aí que surgiu a ideia de que cada um escrevesse uma história de horror. O resultado foi esse clássico.

10/01/1876

BOSTON/ESTADOS UNIDOS

“Senhor Watson, venha cá. Preciso falar com o senhor”. A frase hoje seria uma das mais corriqueiras, presente em qualquer conversa, seja via celular, e-mail ou WhatsApp. Porém, no distante ano de 1876, causou uma verdadeira revolução. De um lado estava o cientista norte-americano de origem escocesa Alexander Graham Bell e do outro seu auxiliar, Thomas Watson, que se encontrava em num quarto próximo, em uma pensão na cidade de Boston. Surgia

ali um dos meios de comunicação mais importantes para a humanidade: o telefone. E pensar que sua invenção ocorreu meio por acaso, para aperfeiçoar as transmissões do telégrafo, que transmitia apenas uma mensagem por vez. Bell percebeu a possibilidade de transmitir mais de uma mensagem ao longo do mesmo fio, utilizando a eletricidade para conduzir a voz humana.

28/01/1887

PARIS/FRANÇA

A data marca o início das obras do monumento símbolo da França e um dos mais conhecidos e visitados do mundo: a Torre Eiffel. A obra foi uma encomenda do governo francês ao engenheiro Gustave Eiffel e foi construída como o arco de entrada da Exposição Universal de 1889 e para as comemorações do centenário da Revolução Francesa do mesmo ano. Ele possui 324 metros de altura e fica cerca de 15 centímetros mais alta a cada verão, devido à dilatação térmica do ferro. Foi a estrutura mais alta do mundo por várias décadas, até perder o posto para o edifício Chrysler, inaugurado em 1930, em Nova York. O curioso é que ela quase foi destruída ao final do contrato, em 1909. Só foi salva devido à colocação de uma antena de rádio em seu topo. Turistas do mundo inteiro agradecem.

01/01/1959

HAVANA/CUBA

Um dia marcante para a história da América Latina. O improvável acontecia. Um grupo de rebeldes, em número bem inferior às tropas governamentais do ditador Fulgêncio Batista, depois de conquistar a cidade de Santa Clara, entrava na capital, Havana. A Revolução Cubana estava iniciada. Tudo começou na distante Sierra Maestra, quando o grupo sob o comando de Fidel Castro conseguiu as primeiras vitórias. Quando, em 1958, os Estados Unidos iniciaram um embargo de armas, o exército cubano começou a deteriorar-se rapidamente. Só restou a Batista fugir para a vizinha República Dominicana. Nos anos seguintes, o novo governo tem atenção especial em várias áreas, sobretudo em educação e saúde. Em contrapartida, direitos individuais e a existência de qualquer oposição foram combatidos com mão de ferro.

ESPORTE EM EVIDÊNCIA

Quem gosta de automobilismo, não perde um campeonato de artes marciais, natação ou é apaixonado por futebol vai poder ver isso e muito mais na tela da TV Assembleia

Texto: Dídio Lopes | didio.lopes@al.ce.gov.br Fotos: Máximo Moura

Acompanhar a programação esportiva dos veículos de comunicação é uma forma de entretenimento marcada por relações de afeto que fortalecem o sentimento de comunidade. Apesar de o Brasil ser um país com atletas que se destacam em diversas modalidades, a divulgação das informações esportivas muitas vezes se restringe a quem tem condições de pagar por elas, principalmente nas TVs a cabo e streamings.

Ampliar o acesso a esse tipo de programação é fundamental não só para democratizar a informação, mas também para fortalecer o esporte e gerar bons exemplos para as futuras gerações. A TV Assembleia é uma das emissoras a trilhar esse caminho. Desde julho último, exhibe, às segundas-fei-

ras, o programa Plenário Esportivo.

O diretor da TV, Arnaldo Santos, explica que o nome do programa faz alusão ao Plenário do Legislativo cearense, que é onde se discutem todas as questões de relevância da sociedade cearense, e o esporte se insere numa dessas vertentes de interesse. “Idealizado pelo presidente da Casa, deputado Evandro Leitão (PDT), e diferente do que se pode imaginar, Plenário Esportivo não é um programa apenas de futebol, mas sim sobre esportes, no plural”, acrescenta. A proposta do programa, como destaca o produtor Robério Lessa, é “valorizar diversos esportes, principalmente o amador, além de abrir espaço para todas as modalidades, sempre com um olhar atento para a linguagem das novas gerações”.



COMPOSIÇÃO

O apresentador da atração, Renato Abreu, que já passou pelo jornal O Povo e foi comentarista nos programas de rádio local, descreve o Plenário Esportivo como um verdadeiro “gol de placa” da TV Legislativa cearense. “O programa, apesar de pouco tempo, já caiu no gosto dos telespectadores, porque é leve, informativo e os debates possuem qualidade de argumentos”, destaca.

A atração conta também com a participação dos comentaristas titulares Paulo César Norões, Fernando Graziani e Carlos Silva. Além deles, o professor Olavo Colares apresenta fatos e curiosidades históri-

cas sobre os esportes.

As reportagens especiais ficam com o jornalista Ítalo Nunes, que leva ao programa uma linguagem mais jovial. “A minha participação serve para aquecer as discussões dos comentaristas. Sempre procuro colocar uma ‘pitadinha’ de humor, para dar leveza ao assunto e deixá-lo num formato mais dinâmico”, revela.

SERVIÇO

Plenário Esportivo é gravado com transmissão às segundas-feiras, às 19h30, na TV Assembleia, e às 21h, na rádio FM Assembleia.

Benefícios sempre são bem-vindos. Imagine um edifício repleto deles.

A Assembleia Legislativa entrega aos cearenses o Edifício Deputado Francisco das Chagas Albuquerque – Anexo III. O local funciona como um complexo onde a população encontra diversos serviços para exercer a cidadania de forma plena. Mais que uma facilidade para o cidadão, a novidade representa uma conquista de todos os cearenses.

Serviços para a população

- Procon
- Casa do Cidadão
- Escritório Frei Tito de Alencar
- Comitê de Responsabilidade Social
- Comitê de Prevenção e Combate à Violência
- Núcleo de Mediação e Gestão de Conflitos
- Sala do Empreendedor

Serviços para os servidores e comunidades próximas

- Departamento de Saúde e Assistência Social
- Centro Inclusivo para Atendimento e Desenvolvimento Infantil (CIADI)
- Movimento das Mulheres do Legislativo Cearense (MMLC)
- Núcleo de Saúde Mental
- Núcleo de Práticas Sistêmicas Restaurativas
- Espaços ao ar livre para atividades coletivas e troca de experiências

Anexo III:
Av. Pontes Vieira, 2300



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**



AL.CE.GOV.BR

Acompanhe mais informações na
TV Assembleia e redes sociais.





A VACINA TROUXE A ESPERANÇA DE VOLTA. NÃO DEIXE ELA IR EMBORA.

A vacina reduziu os casos, hospitalizações e óbitos, mas a pandemia ainda não acabou. Lembrando o espírito de união do povo cearense, a Assembleia Legislativa faz um alerta: para esta luta continuar dando certo, medidas como o uso da máscara e a higienize das mãos também precisam continuar. Faça a sua parte.

USE A MÁSCARA.
HIGIENIZE AS MÃOS.
TOME A VACINA.



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

AO LADO DOS CEARENSES PELA VIDA